

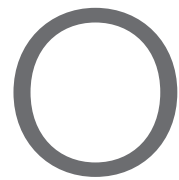
cinemateca

dezembro 2021



**ALLAN DWAN (PARTE I) | SIMONE SIGNORET E YVES MONTAND:
CAMINHOS PARALELOS | O QUE QUERO VER | A CINEMATECA COM
O INSHADOW | SALVAR A CINEMATECA BRASILEIRA! EPÍLOGO
IN MEMORIAM PIERRE-MARIE GOULET | CINEMATECA JÚNIOR**

CINEMATECA JÚNIOR – SÁBADOS EM FAMÍLIA



Pai Natal, este ano, traz no saco não só presentes variados para a pequenada, mas também um presente especial para a Educação e Cinema. Esse presente é o CINARTS, um projeto europeu que ao fim de dois anos de implementação se consubstancia numa plataforma *web* para ser usada em sala de aula por professores e alunos do ensino básico e secundário. Nessa plataforma trabalham-se as relações entre cinema e outras artes visuais (pintura, ilustração, fotografia). No dia 4 de dezembro, de manhã, é feita a apresentação da plataforma e dos seus recursos pedagógicos aos professores

do 1º ciclo, com a apresentação de trabalhos realizados em escolas-piloto. Realiza-se novo encontro, desta vez para professores do 2º ciclo ao secundário na tarde do dia 10. Para crianças de todas as idades, incluindo as idades maiores, na tarde do dia 4, são apresentadas duas curtas-metragens de Albert Lamorisse, *CRINA BRANCA* e *O BALÃO VERMELHO*. São ambas aventuras poéticas da infância com afetos improváveis. A primeira fala-nos da amizade entre um rapaz e um cavalo selvagem no sul de França, a segunda sobre uma amizade, ainda mais surpreendente, entre um rapaz e um balão vermelho em Paris. Para os sábados que se seguem, o velho das barbas deixou no sapatinho dois clássicos. A deliciosa *ANNIE* dos cabelos ruivos, de John Huston e *AS SETE OCASIÕES DE PAMPLINAS*, de Buster Keaton, uma comédia irresistível da era do mudo acompanhada pelo piano doutorado em Keaton de Catherine Morisseau. Unidos pela comédia, o tempo e o perfil dos filmes de Huston e Keaton são bastante diferentes. O primeiro é uma comédia musical dos anos oitenta, com muita cor, a começar pela colorida paleta da protagonista, a ruivíssima e sardenta ANNIE, o segundo é uma comédia da era do mudo, a preto e branco, com a cena de perseguição mais hilária da história do cinema, pelo menos na opinião do velho do saco e na nossa. Para o serão natalício, o velho das renas pensou num pequeno espetáculo de *LANTERNA MÁGICA* e encarregou-nos de vos mostrar como se faz.

ENCONTROS CINARTS

► Sábado [04] 10h30–13h00 | Salão Foz

1º ENCONTRO CINARTS – 1º CICLO

PROFESSORES E MEDIADORES CULTURAIS

Inscrição prévia para email:

cinemateca.junior@cinemateca.pt

CINARTS é um projeto europeu de educação e cinema, coordenado pela Cinemateca de Bolonha e cofinanciado pela Europa Criativa, do qual a Cinemateca Portuguesa é parceira. O projeto explora a relação entre o cinema e as outras artes visuais, procurando colocar em evidência o papel do património cinematográfico na história da arte. O CINARTS consubstancia-se numa plataforma *web* multilíngue a usar em sala de aula, criada em estreita articulação com as escolas dos países parceiros. Professores e alunos participaram no levantamento de necessidades que presidiu ao nascimento da plataforma e os seus recursos pedagógicos foram testados em escolas-piloto de diferentes graus de ensino de todos os países parceiros. Finda a construção da plataforma, chegou o tempo de dar a conhecer as suas ferramentas pedagógicas e trabalhos já desenvolvidos com escolas-piloto em Portugal. No dia 4, realiza-se o 1º ENCONTRO CINARTS para o qual convidamos todos os professores do 1º ciclo e mediadores culturais interessados em conhecer a plataforma CINARTS e o trabalho que com ela se pode desenvolver.

► Sexta-feira [10] 16h30–18h00 | Salão Foz

2º ENCONTRO CINARTS – 2º, 3º CICLO E SECUNDÁRIO

PROFESSORES E MEDIADORES CULTURAIS

Inscrição prévia para email:

cinemateca.junior@cinemateca.pt

Realiza-se o 2º ENCONTRO CINARTS para o qual convidamos todos os professores do 2º ciclo ao secundário e mediadores culturais interessados em conhecer a plataforma CINARTS e o trabalho que com ela se pode desenvolver.

► Sábado [04] 15h00 | Salão Foz

CRIN-BLANC

Crina Branca

de Albert Lamorisse

com Alain Emery, Pascal Lamorisse,

Laurent Roche, Frank Silvera

França, 1953 – 38 min / legendado eletronicamente em português

LE BALLON ROUGE

O Balão Vermelho

de Albert Lamorisse

com Pascal Lamorisse, Georges Sellier, Vladimir Popov

França, 1956 – 34 min

duração total da sessão: 72 minutos | M/6

As duas curtas-metragens de Albert Lamorisse dos anos cinquenta estão associadas à infância: *CRIN-BLANC* (Palma de Ouro de curta-metragem em Cannes 1953) foi filmado nas margens do rio Ródano na região francesa da Camarga como a fábula de um rapaz que doma um cavalo branco. *LE BALLON ROUGE* é uma história de bairro (o parisiense Ménilmontant) e segue a personagem de um miúdo pelas ruas de Paris, onde um balão vermelho se torna motivo de inveja

► Sábado [11] 15h00 | Salão Foz

ANNIE

Annie

de John Huston

com Aileen Quinn, Albert Finney, Carol Burnett

Estados Unidos, 1982 – 126 min / legendado em português | M/6

ANNIE é uma órfã de dez anos, muito esperta, corajosa, e muito ruiva, que desafia a dona do orfanato, a terrível Mrs Hanningan, e conquista o coração do milionário Warbucks. *ANNIE* é também uma comédia musical do prolífico e experimentador de vários géneros, John Huston, que adapta ao grande ecrã um enorme sucesso da Broadway, por sua vez inspirado na banda desenhada *Little Orphan Annie* de Harold Gray, originalmente publicada no *The Chicago Tribune* em 1924.

► Sábado [18] 15h00 | Salão Foz

SEVEN CHANCES

As Sete Ocasões de Pamplinas

de Buster Keaton

com Buster Keaton, Ruth Dwyer

Estados Unidos, 1925 – 56 min / intertítulos em inglês, legendado eletronicamente em português | M/6

ACOMPANHADO AO PIANO POR CATHERINE MORISSEAU

Nesta obra-prima Buster Keaton leva um dos temas narrativos centrais do cinema burlesco, a perseguição, à altura da grande arte. Buster é um jovem que recebe a notícia que tem de se casar antes das sete horas da noite daquele mesmo dia, para herdar uma grande fortuna. Mas a namorada acaba de romper com ele. Buster põe um anúncio no jornal, explicando a situação e vai para a igreja. Surgem centenas de mulheres (quinhentas, segundo os especialistas), todas decididas a casar-se com ele.

OFICINAS

► Sábado [18] 11h00 | Salão Foz

OFICINA: LANTERNA MÁGICA

Conceção e orientação: equipa da Cinemateca Júnior

Duração: duas horas

Dos 6 aos 10 anos | Preço € 4,00

Marcação prévia para

cinemateca.junior@cinemateca.pt até 13 de dezembro

Antes do nascimento do cinema já existiam grandes espetáculos que atraíam o público para ver histórias mágicas projetadas num ecrã. Vamos reviver esse tempo, ilustrar a nossa história primeiro para depois a contar, à luz deste maravilhoso antigo projetor!



USO OBRIGATÓRIO DE MÁSCARA

ÍNDICE

CINEMATECA JÚNIOR	2
ALLAN DWAN (PARTE I)	3
SIMONE SIGNORET E YVES MONTAND:	
CAMINHOS PARALELOS	6
O QUE QUERO VER	9
A CINEMATECA COM O INSHADOW	11
SALVAR A CINEMATECA BRASILEIRA!	12
IN MEMORIAM PIERRE-MARIE GOULET	12
ANTE-ESTREIAS	13
COM A LINHA DE SOMBRA	13
FILMar COM O DIA MAIS CURTO	14
CALENDÁRIO	15

► CAPA EAST SIDE WEST SIDE, 1927 de Allan Dwan

AGRADECIMENTOS

António-Pedro Vasconcelos, João Salaviza, Marco Martins, Eric Leroy, Sophie Le Tétour (C.N.C.); Matthieu Grimault (Cinémathèque Française); Marleen Labijt (Eye Institute); Katerina Fojtova (Národní Filmový Archiv); Marc Scheffen (Cinémathèque de la Ville de Luxembourg); Sarah Mosutakim, Jocelyne Barreto (Institut Français au Portugal); Todd Wiener, Steven Hill (UCLA); Lynanne Schweighofer (Library of Congress); Teresa Garcia; Nuno Rodrigues, Miguel Dias, Inês Moreira (Agência da Curta Metragem); Paulo Soares.

CINARTS

Iceland
Liechtenstein
Norway grants

REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA

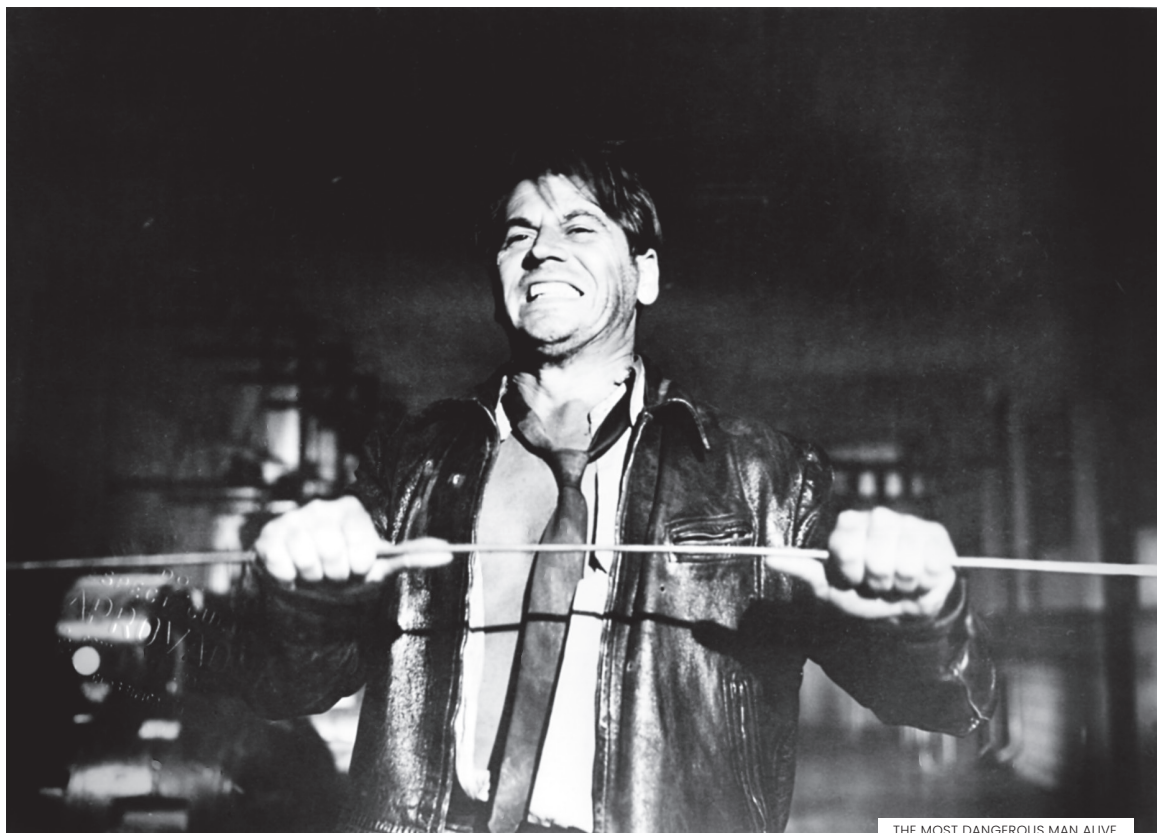


CINEMATECA PORTUGUESA
MUSEU DO CINEMA, I.P.

ALLAN DWAN (PARTE I)

A llan Dwan tem a fama de ser um dos mais prolíficos cineastas que alguma vez viveram e, com os cerca de 1600 títulos que algumas fontes lhe creditam, um potencial recordista em número total de filmes realizados. Grande parte desses filmes, uma esmagadora maioria, foi feita nos anos iniciais da década de 1910, época em que Dwan começou a dirigir filmes de uma bobina e, segundo as suas próprias contas, os fazia ao ritmo de três por semana. Formado em engenharia, e com especialização nas artes e técnicas da eletricidade, a sua entrada no cinema, naqueles anos em que tudo estava por inventar e descobrir, foi feita por esse prisma, a do homem a quem competia inventar soluções para os problemas técnicos que a rotação dos filmes ia descobrindo. Também por isso, foi um dos pioneiros da indústria cinematográfica americana, que ele próprio ajudou a estabelecer, por exemplo durante o seu trabalho com David Wark Griffith (foi Dwan quem inventou uma forma de pôr as câmaras de DWG a “flutuar” sobre os gigantescos cenários de INTOLERANCE, entre outras proezas). O seu trabalho como realizador, cruzando diversas décadas, faz um percurso por todo o classicismo americano, começa aliás antes dele, num período pré-clássico, e termina no momento em que esse edifício clássico começava a desmoronar-se (o seu último filme THE MOST DANGEROUS MAN ALIVE, estreou em 1961, apesar de ter sido rodado em 1958, assim apropriadamente criando um número redondo – cinquenta anos – entre os primeiros filmes de Dwan, feitos em 1911, e o seu filme final). Polivalente e eclético, Dwan tocou todos os géneros – do musical ao filme de guerra, do melodrama ao *noir*, do *western* à comédia, com o mesmo pragmatismo, a mesma inteligência, a mesma modéstia de artesão, as mesmas elegância e imaginação na invenção de ideias visuais e narrativas. Esteve esquecido durante demasiados anos, arrumado como “reliquia” de outros tempos, curiosidade “arqueológica”. Nem ele próprio, realizador de uma estirpe que só existiu nas gerações pioneiras, acreditava em qualquer espécie de “posteridade” para o seu trabalho. Mas, nas últimas décadas, várias gerações de críticos e historiadores redescobriram e colocaram no seu devido lugar a obra de um homem que, se nos anos vinte foi um dos realizadores da primeira linha de Hollywood, especialmente apreciado por algumas das maiores vedetas da altura, como Gloria Swanson ou Douglas Fairbanks, passou das décadas finais, a partir dos anos quarenta, ao serviço de produtores independentes, trabalhando em *low budget* e série B, ambiente em que reencontrou, de certa forma, a liberdade e a desenvoltura da prática de realizador naqueles anos de formação da indústria que foi o tempo em que se iniciou.

A aproximação a esta obra imensa está forçosamente condenada a ser lacunar. Impossível pensar numa “integral Dwan”, até pela quantidade de filmes perdidos ou de circulação muito restrita, ou impossíveis de localizar. O Ciclo que propomos para os meses de dezembro e janeiro será, em princípio, a mais extensa retrospectiva da obra de Dwan realizada em qualquer parte do mundo, com cerca de sessenta títulos, representativos de todas as fases do seu trabalho. Nunca se viu tanto Dwan junto, e a oportunidade de mergulhar, em extensão, nesta obra, é uma proposta irrecusável para qualquer cinéfilo digno desse nome. Será publicada uma pequena edição sobre Allan Dwan na ocasião, a primeira de uma nova coleção da Cinemateca de cadernos de apoio a ciclos de autores estrangeiros ou temas do cinema internacional.



► Quinta-feira [02] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

MOTHER OF THE RANCH

de Allan Dwan
com Louise Lester

Estados Unidos, 1911 – 11 min

THE MOST DANGEROUS MAN ALIVE

O Mais Perigoso Homem Vivo

de Allan Dwan
com Ron Randell, Debra Paget, Elaine Stewart

Estados Unidos, 1961 – 82 min

duração total da projeção: 93 min
legendados eletronicamente em português | M/12

1911 foi o ano em que Allan Dwan se viu investido da condição de realizador de filmes, rapidamente atingindo o ritmo de três filmes de uma bobina por semana. MOTHER OF THE RANCH é um desses filmes do ano inicial de Allan Dwan, e o título mais antigo deste Ciclo. É uma história *proto-western*, rodada, como grande parte da produção do realizador nesta época, em cenários naturais não muito longe de San Diego, no sul da Califórnia, relativamente perto da fronteira mexicana. 50 anos depois (na verdade, 47: o filme foi rodado em 1958, e apenas estreado em 1961), THE MOST DANGEROUS MAN ALIVE foi o seu derradeiro filme, feito não muito longe dali, no outro lado da fronteira

mexicana. Uma história de ficção científica que o produtor Benedict Bogeaus, de quem Dwan foi um prolífero colaborador nos últimos anos da sua obra, planeava como episódio-piloto para uma série televisiva, com um *budget* curtíssimo. O filme reflete maravilhosamente a aridez e a escassez do orçamento, e é uma despedida “em bruto” de Dwan, de um pragmatismo genial que muito se pode ligar – é a mesma “lição” – aos filmes dos seus primórdios. MOTHER OF THE RANCH é uma primeira apresentação na Cinemateca.

► Sexta-feira [03] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

CURTAS METRAGENS DE ALLAN DWAN

THREE MILLION DOLLARS

com J. Warren Kerrigan, Pauline Bush, George Periolat

Estados Unidos, 1911 – 10 min

THE RANCHMAN'S VENGEANCE

com J. Warren Kerrigan, Dot Farley, George Periolat

Estados Unidos, 1911 – 16 min

MAN'S CALLING

com J. Warren Kerrigan, Jessalyn Van Trump, George Periolat

Estados Unidos, 1912 – 15 min

MAIDEN AND MEN

com Pauline Bush, Jack Richardson, J. Warren Kerrigan

Estados Unidos, 1912 – 10 min

THE BLACKENED HILLS

com J. Warren Kerrigan, Jessalyn Van Trump, Jack Richardson

Estados Unidos, 1912 – 10 min

THE MORMON

com J. Warren Kerrigan, Pauline Bush

Estados Unidos, 1912 – 10 min

THE THIEF'S WIFE

com J. Warren Kerrigan, Pauline Bush, Jack Richardson

Estados Unidos, 1912 – 10 min

duração total da projeção: 81 min - mudos, com intertítulos em inglês e legendagem eletrónica em português | M/12

COM ACOMPANHAMENTO AO PIANO POR FILIPE RAPOSO

Um programa com sete títulos da fase inicial do trabalho de Allan Dwan. Como MOTHER OF THE RANCH, visto na abertura do ciclo, são filmes de uma bobina, rodados a uma velocidade que hoje nos parece assombrosa. Dwan trabalhava para uma produtora chamada American Film Manufacturing Company, com um conjunto de técnicos e de atores que passavam de filme para filme, em cenários

naturais no sul da Califórnia – que de algum modo são sempre, mais do que os atores, mais do que as histórias, os grandes protagonistas destes filmes. O *western* ainda não estava definido como género codificado, mas não há outra forma de qualificar estes filmes, o que também ajuda a perceber o quanto se confundem a raiz do *western* e a raiz do cinema americano. Mesmo que, nalguns filmes (MAIDEN AND MEN, THE BLACKENED HILLS), as proezas masculinas que se associam ao *western* sejam trocadas por uma atenção especial às personagens femininas, tornadas centro da dramaturgia. Uma sessão riquíssima para compreender a formação de Allan Dwan e, através dele, o caminho para o cinema americano clássico. Todos os filmes são primeiras apresentações na Cinemateca. A exhibir em cópias digitais.

► **Sábado [04] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro**

THE SPIRIT OF THE FLAG

de Allan Dwan
com Wallace Reid, Pauline Bush, Jessalyn Van Trump
Estados Unidos, 1913 – 30 min

THE HALF BREED

de Allan Dwan
com Douglas Fairbanks, Alma Rubens, Sam de Grasse
Estados Unidos, 1916 – 73 min

duração total da projeção: 103 min – mudos, com intertítulos em inglês e legendagem eletrónica em português | M/12

COM ACOMPANHAMENTO AO PIANO POR FILIPE RAPOSO

THE SPIRIT OF THE FLAG é um filme de duas bobinas, já com outra sofisticação em termos de meios e de desenvolvimento narrativo. Um melodrama de guerra, ambientado nas Filipinas, com centro na personagem de Wallace Reid, um médico, e em duas mulheres, uma americana e outra filipina. THE HALF BREED é de 1916, apenas três mais tarde mas já definitivamente outro tempo no cinema americano. Rodado para a Triangle, tem uma das maiores vedetas da época (e ainda em ascensão), Douglas Fairbanks, que tinha Dwan como o seu realizador preferido, e entre os argumentistas conta-se a famosíssima Anita Loos. Fairbanks é o “half-breed”, o mestiço, meio-branco e meio-chokeee, e o filme tem sobre a relação dos brancos com os nativos americanos um olhar crítico que talvez surpreenda um espectador contemporâneo. THE SPIRIT OF THE FLAG é uma primeira apresentação na Cinemateca. A exhibir em cópias digitais.

► **Sábado [04] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

► **Sexta-feira [17] 19h30 | Sala M. Luís de Pina**

THE INSIDE STORY

de Allan Dwan
com Marsha Hunt, William Lundigan, Charles Winninger
Estados Unidos, 1948 – 87 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Outra produção da Republic, THE INSIDE STORY é uma comédia otimista sobre a economia. “Havia uma grande crise e quis mostrar que o pior sítio para se ter o dinheiro era imobilizado num banco; o dinheiro tinha que circular!” (Dwan). E, num espírito que se aproxima das fábulas de Capra, Dwan mostrava o efeito da circulação dos mesmos mil dólares por uma quantidade enorme de gente, e a forma como esse dinheiro vai resolvendo problemas por onde passa. Primeira apresentação na Cinemateca.

► **Segunda-feira [06] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro**

THE GOOD BAD MAN

O Bom Vilão
de Allan Dwan
com Douglas Fairbanks, Sam de Grasse, Bessie Love
Estados Unidos, 1916 – 50 min
mudo, com intertítulos em inglês
e legendagem eletrónica em português | M/12

COM ACOMPANHAMENTO AO PIANO POR FILIPE RAPOSO

Do mesmo ano de THE HALF-BREED, para o mesmo estúdio (a Triangle) e com a mesma vedeta (Douglas Fairbanks), THE GOOD BAD MAN é uma mistura perfeita de ambientes e figuras de *western* com um fundo sentimental e romântico. Fairbanks interpreta o “bom vilão”, um assaltante de comboios que destina o produto dos seus roubos a um orfanato que não subsiste sem a ajuda dele. Perseguido

pela justiça e por “maus vilões” rivais, vai encontrar o amor na figura de Bessie Love. O filme não é apresentado na Cinemateca desde 1987. A exhibir em cópia digital.

► **Segunda-feira [06] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

► **Sábado [18] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro**

ANGEL IN EXILE

de Allan Dwan (e Philip Ford)
com John Carroll, Adele Mara, Thomas Gomez
Estados Unidos, 1948 – 90 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Allan Dwan dirigiu e produziu ANGEL IN EXILE para a Republic, tendo como colaborador Philip Ford, sobrinho de John. É uma daquelas muitas produções rotineiras que a mestria de Dwan eleva, nomeadamente na circulação entre atmosferas e códigos de género, e na atenção e caracterização das mais secundárias personagens. Aventuras na fronteira entre o Arizona e o México (essa fronteira pela qual Dwan tinha predileção especial), onde o *western* se cruza com o filme de roubos e golpadas (há um carregamento de ouro que é surripiado), e tudo corre a um ritmo impecavelmente dominado. Primeira apresentação na Cinemateca.

► **Quinta-feira [09] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

► **Segunda-feira [13] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro**

UP IN MABEL’S ROOM

Um Noivo Tímido
de Allan Dwan
com Dennis O’Keefe, Gail Patrick, Mischa Auer
Estados Unidos, 1944 – 76 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Embora feito sem muitos meios, e com uma intriga relativamente batida (tão batida que é quase igual à de GETTING GERTIE’S GARTER, espécie de filme gémeo deste), UP IN MABEL’S ROOM é uma comédia divertidíssima, que serve para atestar uma afirmação de Dwan, a de que, se tivesse que escolher um género preferido, escolheria a comédia. De resto, e segundo o próprio, ambos estes “filmes gémeos” funcionaram muito bem, “até na Europa”.

► **Quinta-feira [09] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro**

EAST SIDE WEST SIDE

A Cidade Gigante
de Allan Dwan
com George O’Brien, Virginia Valli, J. Farrell MacDonald
Estados Unidos, 1927 – 90 min
mudo, com intertítulos em inglês
e legendagem eletrónica em português | M/12

COM ACOMPANHAMENTO AO PIANO POR FILIPE RAPOSO

Um dos melhores Dwans da fase final do mudo, EAST SIDE WEST SIDE é também um grande filme de Nova Iorque, naquela época em que o cinema primeiro se enamorou da “cidade gigante”, como lhe chamou o título português. A história vive muito de arquétipos, o bom rapaz modesto a quem a fortuna sorri (George O’Brien, no mesmo ano do SUNRISE de Murnau), e o filme usa maravilhosamente as ruas e paisagens nova-iorquinas. Primeira apresentação na Cinemateca. A exhibir em cópia digital.

► **Quinta-feira [09] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

► **Segunda-feira [20] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

SANDS OF IWO JIMA

O Inferno de Iwo Jima
de Allan Dwan
com John Wayne, John Agar, Adele Mara
Estados Unidos, 1949 – 96 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Um dos melhores filmes de guerra da história do cinema. Allan Dwan deu ao seu filme um tom documental que deixa uma sensação de real em quem o vê. Todas as cenas foram reconstituídas mas muitas delas parecem ser tiradas de documentários. Os atores passaram por severos treinos à semelhança dos verdadeiros “marines” que formam a enorme massa de figurantes. John Wayne, no tradicional papel do sargento duro, mas que vela pelos seus soldados, recebeu aqui a primeira nomeação para o Oscar. Com um milhão de dólares de orçamento (recuperado e multiplicado na bilheteira), foi das produções mais opulentas da Republic e da carreira de Dwan no pós-guerra. A exhibir em cópia digital.



SURRENDER



THE GOOD BAD MAN



INSIDE STORY

► **Sexta-feira [10] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro**

TIDE OF THE EMPIRE

Gesto Fidalgo

de Allan Dwan

com Renée Adorée, Tom Keane, George Fawcett

Estados Unidos, 1929 – 73 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Um *western*, e tecnicamente um produto híbrido daqueles tempos de transição para o sonoro, com diálogos dados por intertítulos mas uma banda sonora com ruídos e efeitos de som. É um dos filmes preferidos de Dwan nesta fase, que nele muito experimentou em termos de movimentação da câmara e uso de gruas. Uma curiosidade: Buster Keaton apareceu *impromptu* no plateau e fez umas piruetas para divertir a equipa. A câmara estava a rodar e Dwan não teve dúvidas: “I kept it in”. No filme, a participação espontânea de Keaton foi integrada numa cena de bebedeiras num *saloon*. Primeira apresentação na Cinemateca. A exibir em cópia digital.

► **Sexta-feira [10] 19h30 | Sala Luís de Pina**

► **Terça-feira [21] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

SURRENDER

de Allan Dwan

com Vera Ralston, John Carroll, Walter Brennan

Estados Unidos, 1950 – 90 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Mais um *western* filmado para a Republic, mas com um ambiente físico e narrativo largamente influenciado pelo *noir* e pela sua psicologia – algumas sombras de SLIGHTLY SCARLET já se prefiguram aqui. Outra vez a fronteira com o México, dada com o sentido de caracterização e pormenor em que Dwan era exímio, para uma história de paixões e traições, emoções violentas que Dwan encenava de forma cada vez mais estilizada.

► **Sexta-feira [10] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

► **Quinta-feira [16] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

DRIFTWOOD

de Allan Dwan

com Natalie Wood, Ruth Warrick,
Walter Brennan, Dean Jagger

Estados Unidos, 1947 – 88 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Um Dwan do pós-guerra, período em que o cineasta passou a trabalhar quase exclusivamente para produtores independentes e pequenos estúdios de “série B” (DRIFTWOOD é uma produção da Republic). Aproveitando o traquejo ganho no trabalho com crianças desde que, nos anos trinta, foi durante algum tempo o realizador encarregado de filmar os “veículos” com Shirley Temple, Dwan dirige a muito jovem Natalie Wood num filme que associa os *tropos* clássicos dos filmes com crianças (as relações com os animais de estimação, por exemplo, neste caso um cãozinho) a um retrato de lugar (uma pequena vila do interior dos EUA). O clímax, a noite da doença da miúda, é fabuloso, e DRIFTWOOD um exemplo brilhante da mestria de Dwan. A exibir em cópia digital.

► **Sábado [11] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro**

A MODERN MUSKETEER

de Allan Dwan

com Douglas Fairbanks, Marjorie Daw, Kathleen Kirkham

Estados Unidos, 1917 – 68 min

mudo, com intertítulos em inglês

e legendagem eletrónica em português | M/12

COM ACOMPANHAMENTO AO PIANO POR JOÃO PAULO ESTEVES DA SILVA

Fairbanks, aventureiro do Kansas com uma fixação por D’Artagnan, passeia os seus códigos de honra e conduta, vindos de outros tempos, pela Califórnia, para onde foi à procura do amor e da fortuna. Mais um veículo para Douglas Fairbanks, aqui num papel à medida do seu estatuto de galã, e um excelente emprego de paisagens naturais espetaculares, como as do Grand Canyon. Primeira apresentação na Cinemateca. A exibir em cópia digital.

► **Sábado [11] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

► **Quinta-feira [23] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

BELLE LE GRAND

de Allan Dwan

com Vera Ralston, John Carroll, William Ching

Estados Unidos, 1951 – 90 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Vindo diretamente na sequência de SURRENDER, e conservando o mesmo par central de atores (Vera Ralston e John Carroll), que Dwan considerava mediócras (“à parte os protagonistas, nem é um mau filme”), BELLE LE GRAND vai até à Louisiana contar a história de uma ex-presidiária que se torna dona do mais famoso casino/*saloon* de Nova Orleães. Primeira apresentação na Cinemateca.

► **Segunda-feira [13] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

► **Segunda-feira [27] 19h30 | Sala Luís de Pina**

THE WILD BLUE YONDER

de Allan Dwan

com Wendell Corey, Vera Ralston,
Forrest Tucker, Walter Brennan

Estados Unidos, 1951 – 98 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Dois anos depois do filme sobre IWO JIMA, Dwan voltava a trabalhar, para a Republic, sobre a II Guerra Mundial na frente do Pacífico. Feito com apoio da Marinha e Força Aérea americanas, THE WILD BLUE YONDER centra-se em dois aviadores que estão a aprender o pilotar o B-29 (celebrizado, no fim da guerra, pelas bombas atômicas que fez cair sobre Hiroxima e Nagasaki) enquanto ficam embeaçados pela mesma mulher. Muitas imagens de arquivo pontuam o relato, num tipo de produção rotineira que Dwan fazia com uma perna às costas e com alguma distância – “a única coisa de que gostei nisto foi do B-29 ele próprio”. A exibir em cópia digital.

► **Terça-feira [14] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

► **Terça-feira [28] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

MONTANA BELLE

Flor Bravia

de Allan Dwan

com Jane Russell, George Brent, Scott Brady

Estados Unidos, 1952 – 82 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Rodado em 1948, posto na prateleira durante quatro anos e recuperado em 1952 para capitalizar a popularidade de Jane Russell (era o ano de GENTLEMEN PREFER BLONDES), trata-se de um dos melhores Dwans do período final da sua obra. Em MONTANA BELLE Jane Russell encarna a famosa Belle Starr, e narra-se uma história inspirada no seu envolvimento com o gang dos irmãos Dalton. Um papel à medida de Russell, talvez nunca tão “action woman” como aqui, tão à vontade em tiroteios como nos palcos dos saloons. Ainda, vale frisar, um dos vários *westerns* de Dwan com protagonistas femininas.

► **Terça-feira [14] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro**

MANHANDLED

Escravizada

de Allan Dwan

com Gloria Swanson, Tom Moore, Lilyan Tashman

Estados Unidos, 1924 – 75 min

mudo, com intertítulos em inglês

e legendagem eletrónica em português | M/12

COM ACOMPANHAMENTO AO PIANO POR DANIEL SCHVETZ

Para além de Douglas Fairbanks, a outra vedeta de alto coturno nos apogeus de mudo que tinha Dwan como realizador de eleição era Gloria Swanson. Dos vários filmes que fizeram juntos, MANHANDLED era o preferido do cineasta. Por boas razões, porque se trata de um excelente filme, perfeitamente em linha com o que de mais sofisticado se praticava na Hollywood da época, quer em termos de conteúdo sociopolítico (é um filme completamente “proto-feminista”, narrando, entre um tom de comédia mordaz e um tom mais dramático, as agruras de uma mulher num mundo laboral dominado por homens) quer em termos de invenção formal – e aqui, o filme está cheio de achados e ideias brilhantes de *mise en scène*. Primeira apresentação na Cinemateca. A exibir em cópia digital.

► **Quarta-feira [15] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro**

THE GORILLA

Gorila

de Allan Dwan

com os Ritz Brothers, Anita Louise, Bela Lugosi

Estados Unidos, 1939 – 66 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Os Ritz Brothers, um grupo de cómicos hoje bastante esquecido, tinham contrato com a Fox, e por mais do que uma vez se pediu a Dwan que tratasse do assunto. Um desses filmes foi THE THREE MUSKETEERS, outro foi, no mesmo ano de 1939, THE GORILLA, uma história policial farsolas que coleciona remissões para a, apesar de tudo já relativamente “encorpada”, tradição do cinema de horror, como a presença de Bela Lugosi. Primeira apresentação na Cinemateca. A exibir em cópia digital.

► **Quinta-feira [16] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

PADLOCKED

de Allan Dwan

com Lois Moran, Noah Beery, Louise Dresser

Estados Unidos, 1926 – 70 min

legendado eletronicamente em português | M/12

COM ACOMPANHAMENTO AO PIANO POR DANIEL SCHVETZ

Outro filme de Dwan completamente centrado em histórias de autodeterminação feminina. Neste caso, uma rapariga expulsa de casa, que vem para a grande cidade, contacta com os *bas-fonds* da Broadway e, quando parece que se vai afundar neles, encontra forças para dar a volta por cima. É um dos filmes menos vistos e divulgados de Dwan, mesmo contando com a quantidade de outros filmes que foram pouco vistos e divulgados em todos os anos que nos separam da época de estreia. O filme não é apresentado na Cinemateca desde 1996.



DRIFTWOOD

SIMONE SIGNORET E YVES MONTAND: CAMINHOS PARALELOS

Simone Signoret (1921-1985) e Yves Montand (1921-1991) formaram, a partir dos anos 50, um dos grandes casais míticos do cinema. Os dois conheceram-se em 1949, quando as suas carreiras já tinham sido lançadas e permaneceram juntos até à morte de Signoret. Ambos foram companheiros de viagem do Partido Comunista e no domínio da militância política Montand e Signoret foram, por assim dizer, o equivalente no mundo do cinema de Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir e as suas tomadas de posição eram ouvidas com atenção. Mas se as vidas de Signoret e Montand nunca se apartaram, apesar de diversos percalços, as suas carreiras (e, além de ator, ele era um não menos célebre cantor) foram paralelas, duas linhas que seguem a mesma direção, mas nunca se tocam: os dois quase nunca atuaram juntos no cinema e quando o fizeram a sua presença simultânea no ecrã foi breve, como exemplifica um filme programado neste Ciclo, COMPARTIMENT TUEURS. Por isso, em vez de um Ciclo Yves Montand/Simone Signoret, teremos dois ciclos simultâneos e paralelos, um que acompanha o percurso de Simone Signoret, outro que segue o de Yves Montand.

SIMONE SIGNORET

Simone Signoret nasceu em Wiesbaden, onde o seu pai, um judeu originário da Polónia (a sua mãe era uma francesa católica) fazia parte das forças de ocupação francesas, na sequência da Primeira Guerra Mundial. Em 1940, o seu pai parte para Londres, onde se junta ao movimento da França Livre do General de Gaulle e Signoret permanece em França com a mãe e os dois irmãos. É protegida das perseguições antisemitas por Corinne Luchaire, uma ex-colega de liceu que se lançava no cinema e cujo pai era diretor de um jornal ardentemente partidário da política de Hitler e Pétain (seria executado em 1946). Graças a esta proteção, Signoret começa a trabalhar como figurante, entre outros em *LES VISITEURS DU SOIR*, de Marcel Carné. Entre 1943 e 1949 (ano em que vai viver com Montand) é casada com Yves Allégret, competente realizador para quem fora figurante e que a lança em dois filmes importantes, ambos de 1947, *DEDÉE D'ANVERS* e *MANÈGES*. Bela e jovem, fazendo o papel de uma prostituta no primeiro filme e de uma arrivista sem escrúpulos no segundo, Signoret não é no entanto mostrada como um puro símbolo sexual, um corpo desejável, também tem a oportunidade de mostrar as suas capacidades de atriz. Ela torna-se definitivamente estrela com *LA RONDE*, Max Ophüls, em 1950 e é neste decénio que a sua carreira e a sua presença no cinema chegam ao auge, com *THÉRÈSE RAQUIN* (Marcel Carné), *CASQUE D'OR/AQUELA LOIRA* (Jacques Becker) e *LES DIABOLIQUES* (Henri-Georges Clouzot), além da sua breve e fulgurante presença em *LA MORT EN CE JARDIN*, de Luis Buñuel. Em 1959, faz a sua primeira incursão profissional fora de França com *ROOM AT THE TOP* (Jack Clayton), para o qual obtém o Oscar de melhor atriz. Simone Signoret envelhece precocemente e não parece preocupar-se com isso, o que não entrava a sua carreira e ela continua a trabalhar com realizadores muito diferentes, como Curtis Harrington, William Klein e Jean-Pierre Melville. Passa a fazer papéis de matriarca, abandonando por completo qualquer imagem *glamour*, sem deixar de colaborar com "autores" marginais, como Patrice Chéreau e Jeanne Moreau e cineastas "comerciais", como Granier-Defferre e Michel Drach, para quem fez a sua última aparição no cinema, em *MAUPASSANT* (1982). Na seleção de dez filmes com que homenageamos esta grande figura do cinema francês, abarcando um quarto de século da sua carreira, evitámos deliberadamente alguns dos seus filmes mais conhecidos (*LES DIABOLIQUES*; *L'ARMÉE DES OMBRES*), para propor aos nossos espectadores surpreendentes momentos de cinema que hoje em dia são pouco ou nada vistos (*DEDÉE D'ANVERS*; *MANÈGES*; *IMPASSE DES DEUX-ANGES*; *THÉRÈSE RAQUIN*), sem deixar por isso de proporcionar a oportunidade de revê-la em alguns dos seus filmes mais célebres e emblemáticos (*LA RONDE*; *CASQUE D'OR*; *ROOM AT THE TOP*). O período final do percurso cinematográfico de Simone Signoret é ilustrado por um dos seus papéis mais célebres (*LE CHAT*, 1971), em que tem um duelo de ódio com Jean Gabin e por um filme esquecido, *LES GRANGES BRÛLÉES*, em que contracenava com Alain Delon. Em dez filmes marcantes, vinte e cinco anos do percurso de uma grande personalidade.



CASQUE D'OR



- Quinta-feira [02] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- Segunda-feira [06] 19h30 | Sala Luís de Pina

DEDÉE D'ANVERS

Vidas Tenebrosas

de Yves Allégret

com Simone Signoret, Marcel Pagliero,
Bernard Blier, Marcel Dalio.

França, 1947 - 86 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Primeiro dos dois excelentes filmes de Yves Allégret em que Simone Signoret tem o papel principal, *DEDÉE D'ANVERS* é o filme que deu à atriz a sua verdadeira primeira oportunidade de se destacar. Trata-se de um notável filme negro em que Signoret encarna uma prostituta que trabalha no porto de Antuérpia, sob o jugo de um proxeneta ao mesmo tempo violento e covarde. Ela apaixonou-se por um homem, que talvez veja de modo idealizado e com o qual decide fugir. Excelente trabalho de realização de Yves Allégret, com destaque para a fotografia e os cenários de estúdio, que exploram o ambiente noturno e brumoso da cidade. A narrativa é conduzida com mão de mestre e, depois do desenlace, há um epílogo surpreendente. Primeira apresentação na Cinemateca.

- Sexta-feira [03] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- Terça-feira [07] 19h30 | Sala Luís de Pina

IMPASSE DES DEUX ANGES

de Maurice Tourneur

com Simone Signoret, Paul Meurisse, Paul Herrand

França, 1947 - 85 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Este é um dos filmes em que Simone Signoret faz, aos vinte e seis anos, a transição de símbolo sexual a atriz propriamente dita, o que se reflete na trama narrativa. Signoret faz o papel de uma corista que deixa os palcos para se casar com um aristocrata mais velho do que ela. Uma quadrilha decide roubar uma preciosa jóia da família do homem, um colar do século XVII. Mas o assaltante que executa o roubo tivera no passado uma ligação com a ex-corista e futura marquesa. Os dois fogem juntos e revivem a antiga ligação, como num mundo à parte, antes dos cúmplices do homem, que se sentem traídos, virem ao seu encalço. Um dos melhores exemplos da carreira francesa de Maurice Tourneur, hoje lembrado sobretudo como pai de Jacques Tourneur, mas que tivera uma importante carreira em Hollywood nos anos vinte. Os filmes que realizou em França a partir dos anos trinta têm menos prestígio mas merecem ser revistos, como prova *IMPASSE DES DEUX ANGES*. Primeira apresentação na Cinemateca.

- Segunda-feira [06] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- Segunda-feira [13] 19h30 | Sala Luís de Pina

LA RONDE

A Ronda

de Max Ophüls

com Anton Walbrook, Simone Signoret,
Gérard Philippe, Danièle Darrieux

França, 1951 - 93 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Cronologicamente, LA RONDE foi a primeira das quatro obras-primas realizadas no período final da carreira de Max Ophüls (as outras são LE PLAISIR, MADAME DE... e LOLA MONTÈS) Todos os papéis em LA RONDE são breves e foi a sua breve presença no filme de Ophüls, no papel de uma prostituta, que fez definitivamente de Simone Signoret uma vedeta. O filme adapta uma história de Arthur Schnitzler sobre a “ronda do amor”, com uma série de pares, em que um dos membros sempre vem do par anteriormente mostrado, antes do círculo se fechar sobre o personagem com o qual se abrira, o de Simone Signoret. Toda esta dança de desejos é orquestrada por um demiurgo, Anton Walbrook, que comenta, provoca e interrompe os romances que se distribuem por vários episódios. Um fabuloso desfile de vedetas num dos filmes mais brilhantes de Ophüls, com o seu tom tipicamente agrídoce.

- Terça-feira [07] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- Terça-feira [14] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

CASQUE D'OR

Aquela Loira

de Jacques Becker

com Simone Signoret, Serge Reggiani, Claude Dauphin

França, 1952 - 96 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Um dos mais belos filmes franceses de sempre, considerado por alguns críticos como a obra-prima de Jacques Becker. Raras vezes, no cinema, uma “reconstituição” de época (o fim do século XIX) conseguiu recriar, de forma tão perfeita, um estilo de vida e o espírito do tempo. A história é situada entre os apaches, termo que designava os bandidos e delinquentes em Paris, na passagem do século XIX para o XX. Esta pintura de um meio social preciso serve de contexto e pretexto para uma história de amor, em que Casque d'Or (Simone Signoret) é a bela amante de um ex-bandido, Manda, na melhor criação de Serge Reggiani no ecrã. A situação cria uma série de tensões e rivalidades e o amante de Casque d'Or acaba traído pelo chefe do grupo.

- Sexta-feira [10] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- Terça-feira [14] 19h30 | Sala Luís de Pina

THÉRÈSE RAQUIN

Teresa Raquin

de Marcel Carné

com Simone Signoret, Raf Vallone, Sylvie

França - 1953 - 105 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Depois de virada a página do “realismo poético” com o fracasso de LES PORTES DE LA NUIT, mas mergulhando num tipo de atmosfera semelhante ao que fez a glória dos filmes feitos por Marcel Carné nos anos trinta e quarenta, THÉRÈSE RAQUIN é geralmente considerado como o último grande filme do realizador. Trata-se de um drama livremente inspirado no romance de Émile Zola, transposto para Lyon e para o tempo contemporâneo ao da realização. Uma história de paixão obsessiva que conduz ao crime. Reminiscência da sua obra passada e elemento típico das “adaptações literárias” francesas dos anos cinquenta: Carné introduz um personagem novo, o marinheiro, que representa o “Destino” que leva os personagens para a tragédia. Despida dos atributos de mulher sedutora que tinham sido os seus trunfos em DEDÉE D'ANVERS e MANÈGES, Simone Signoret dá aqui os primeiros toques na sua futura *persona* cinematográfica, bela porém recatada, uma mulher que calcula os seus gestos e não age por impulso. Grande Prémio do Festival de Veneza de 1953, o filme foi apresentado uma única vez na Cinemateca, em janeiro de 1997, por ocasião do falecimento de Marcel Carné.

- Sábado [11] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- Quinta-feira [16] 19h30 | Sala Luís de Pina

ROOM AT THE TOP

Um Lugar na Alta Roda

de Jack Clayton

com Simone Signoret, Laurence Harvey, Heather Sears

Reino Unido, 1959 - 118 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Adaptado de um romance de John Braine, o filme de Jack Clayton é uma obra decisiva do cinema britânico do fim dos anos cinquenta, uma das muitas peças de transição do cinema clássico para o moderno, ficando um pouco

entre os dois do ponto de vista formal. Isto também se reflete no tom do filme (história de um arrivista que manipula duas mulheres para “subir”), num compromisso entre o realismo clássico e a visão amarga dos “angry young men” que se tinham imposto no teatro e no cinema britânicos. O filme de Clayton ganhou dois Oscars, para o argumento de Neil Paterson e para Simone Signoret, no papel da mulher sacrificada. O filme foi apresentado pela última vez na Cinemateca em outubro de 2014.

- Segunda-feira [13] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- Sábado [18] 19h30 | Sala Luís de Pina

GAMES

Jogos Perigosos

de Curtis Harrington

com Simone Signoret, James Caan, Katharine Ross, Kent Smith

Estados Unidos, 1967 - 100 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Curtis Harrington veio da vanguarda clássica americana, movimento no qual se ilustrou em meados dos anos quarenta. Nos anos sessenta, aderiu ao cinema comercial e realizou filmes de horror e *thrillers* de que GAMES é o exemplo mais célebre. O argumento foi escrito para Marlene Dietrich, mas a Universal recusou a ideia (“ninguém se interessa por ela”) e o papel veio parar às mãos de Simone Signoret. Trata-se de uma história de manipulação estruturada à volta de duas mulheres e um homem, como em AS DIABÓLICAS. Um rico casal nova-iorquino afeiçoa-se a uma representante de cosméticos, que diz ter poderes paranormais e acaba por ir viver com eles. A mulher organiza uma série de jogos para o casal, em que a simulação acaba misturando-se com a realidade e o que parece brincadeira é um jogo de poder à volta da fortuna do par. Primeira apresentação na Cinemateca. A exibir em cópia digital.

- Sábado [18] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- Segunda-feira [20] 19h30 | Sala Luís de Pina

LE CHAT

O Gato

de Pierre Granier-Deferre

com Jean Gabin, Simone Signoret, Annie Cordy

França, 1971 - 86 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Num dos seus últimos filmes, Jean Gabin faz o papel de um operário reformado, que vive com a mulher num subúrbio de Paris. O casal passou a odiar-se de tal modo que já nem se fala, enquanto assiste impotente ao fim do seu mundo, materializado pela demolição progressiva do bairro onde vivem e pela sua substituição por prédios modernos. Gabin e Simone Signoret dão uma terrível intensidade ao duelo silencioso e repleto de ódio que se instalou entre os seus personagens. Como os intransigentes personagens que Gabin encarnou na

juventude, também o protagonista deste filme escolhe a morte, à sua maneira. No Festival de Berlim, Gabin e Signoret receberam os prémios de melhor ator e melhor atriz pelos seus desempenhos. LE CHAT só foi apresentado uma vez na Cinemateca, em maio de 2004.

- Terça-feira [21] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- Quarta-feira [22] 19h30 | Sala Luís de Pina

LES GRANGES BRÛLÉES

Almas a Nu

de Jean Chapot

com Simone Signoret, Alain Delon, Miou-Miou, Paul Crauchet

França, 1973 - 95 min / legendado eletronicamente em português | M/12

LES GRANGES BRÛLÉES marca o segundo encontro no ecrã entre Simone Signoret e Alain Delon, dois anos depois de LA VEUVE COUDERC. Mas se neste filme os personagens que representam são cúmplices, em LES GRANGES BRÛLÉES estão em lados opostos. Apesar do título original, não há nenhum incêndio no filme. Delon faz o papel de um juiz que investiga o homicídio de uma viajante, numa remota região montanhosa, no inverno. Signoret, prematuramente envelhecida, é a matriarca de uma família de camponeses, que manipula os factos para proteger um dos seus filhos. Os dois personagens afrontam-se do começo ao fim, porém sem hostilidade frontal, sem nunca entrarem em choque, num jogo de posições em que nada é dito abertamente. No epílogo, o não dito será dito. Primeira apresentação na Cinemateca.

- Terça-feira [28] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
- Quinta-feira [30] 19h30 | Sala Luís de Pina

MANÈGES

de Yves Allégret

com Simone Signoret, Bernard Blier, Jane Marken

França, 1950 - 91 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Um filme surpreendente e cruel sobre as ilusões amorosas. Depois de um grave acidente, o personagem de Simone Signoret está em coma no hospital, velado pelo marido mais velho, que sempre a adorou e lhe fez todas as vontades. Mas a mãe da mulher surge e conta, impiedosamente, toda a verdade ao homem: a mulher nunca o amara e ambas sempre o enganaram e exploraram sem hesitar, tratando-o com desprezo e escárnio. Os episódios são relatados numa série de *flashbacks* e a extrema duplicidade do personagem de Signoret permite-lhe mostrar várias facetas do seu talento de atriz. Notável *mise en scène*, que leva ao auge os artifícios do estúdio, com total domínio da narrativa por *flashbacks*, numa série de ambientes distintos, com alguns episódios mostrados a partir de mais de um ponto de vista. O desenlace é seco e cruel. Primeira apresentação na Cinemateca. A exibir em cópia digital.



YVES MONTAND

Yves Montand nasceu em Itália com o nome de Ivo Livi e tinha apenas dois anos quando a sua família, para fugir ao regime de Benito Mussolini, instalou-se em Marselha. Montand começa a sua carreira como cantor em 1939, mas a guerra interrompe o seu percurso. Mal o conflito chega ao fim, Montand instala-se em Paris e, sob a proteção de Edith Piaf, estreia-se como cantor, com êxito (*Les Feuilles Mortes*, ainda hoje um clássico), na tradição dos *chansonniers* como Charles Trénet, que o influenciou. Em 1946, Montand faz uma pequena aparição num filme de que Piaf é vedeta (*ÉTOILE SANS LUMIÈRE*, Marcel Blistène, 1944) e tem uma importante oportunidade, ao substituir Jean Gabin, que desistira do filme, no ambicioso *LES PORTES DE LA NUIT* de Marcel Carné. Mas o filme é um fracasso de bilheteira e de crítica e Montand só alcança reconhecimento no cinema em 1953, no papel principal de *LE SALAIRE DE LA PEUR*, de Henri-Georges Clouzot. A partir de então e até à sua morte em 1991 (ao fim do último dia de rodagem de *IP5*, de Jean-Jacques Beineix), a sua carreira de ator terá um ritmo contínuo, sem altos e baixos e sem grandes alterações no tipo de personagens que lhe são confiados. Nos anos cinquenta, Montand trabalha com um variado leque de realizadores e produtores, podendo participar de uma produção feita sob a égide de diversos partidos comunistas (*DIE WINDROSE*, coordenado por Joris Ivens) ou de produções de consagrados realizadores italianos como Alessandro Blasetti e Giuseppe de Santis ou ainda de Claude Autant-Lara. Faz incursões em Hollywood (onde contracenava com Marilyn Monroe) e ao cinema britânico. Nos anos sessenta, continua a manifestar o mesmo ecletismo e a mesma abertura de espírito ao participar em filmes tão diferentes quanto *LA GUERRE EST FINIE*, de Alain Resnais e *GRAND PRIX*, de John Frankenheimer, ao passo que no mesmo ano de 1972 foi a vedeta de filmes de Jean-Luc Godard e Costa-Gavras, dois cineastas que tudo opõe. É preciso assinalar que Yves Montand nunca interrompeu a sua bem-sucedida carreira de cantor, embora, com raríssimas exceções, não tenha feito filmes musicais. No entanto, em 1988, aceitou fazer o seu próprio papel em *TROIS PLACES POUR LE 26*, que veio a ser o último filme de Jacques Demy, uma ficção em que Montand regressa a Marselha para preparar uma digressão internacional e é assaltado pelas lembranças da juventude. A variedade do percurso de Yves Montand é ilustrada pelos filmes que apresentamos neste Ciclo, que incluem o seu encontro com Hollywood e com Marilyn Monroe (*LET'S MAKE LOVE*), clássicos modernos (*LA GUERRE EST FINIE*, *LE CERCLE ROUGE*), a primeira tentativa de regresso ao cinema comercial por parte de Jean-Luc Godard depois de dele se ter afastado (*TOUT VA BIEN*) e, entre outros, um retrato do próprio Montand como cantor, no documentário *LA SOLITUDE DU CHANTEUR DE FOND*, de Chris Marker.



JEAN DE FLORETTE

- Sábado [04] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- Quinta-feira [09] 19h30 | Sala Luís de Pina

TOUT VA BIEN

Tudo Vai Bem

de Jean-Luc Godard, Jean-Pierre Gorin
com Yves Montand, Jane Fonda, Vittorio Caprioli

França, 1972 – 92 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Jane Fonda e Yves Montand são as duas estrelas que vão permitir a Jean-Luc Godard elaborar uma outra forma do seu discurso político, num efêmero regresso ao cinema comercial após alguns anos de filmes militantes (Godard só regressaria de vez aos circuitos comerciais em meados dos anos oitenta). O discurso, porém, é o mesmo. *TOUT VA BIEN* é quase a exposição didática de uma greve numa grande empresa, com o sequestro do patrão, e os seus reflexos na jornalista e no cineasta que a testemunham. Pelo uso de vedetas e pela relativa “normalidade” da sua produção, ficou como a mais conhecida, mas também a mais atípica, das colaborações Godard/Gorin no seio do Grupo Dziga Vertov, que de resto só se manteria para mais um filme, *LETTER TO JANE* (a mesma Jane Fonda que encontramos em *TOUT VA BIEN*). O filme foi visto pela última vez na Cinemateca em maio de 2018. A exibir em cópia digital.

- Sábado [11] 19h30 | Sala Luís de Pina
- Terça-Feira [28] 19h30 | Sala Luís de Pina

LE CERCLE ROUGE

O Círculo Vermelho

de Jean-Pierre Melville
com Alain Delon, Bourvil, Yves Montand,
François Périer, Gian Maria Volonté

França, 1970 – 141 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Uma das grandes obras-primas de Melville, que emparelha com *LE SAMOURAÏ*, geralmente considerado a sua obra-prima, e tem uma atmosfera menos abstrata do que a daquele filme. A narrativa ilustra situações clássicas do cinema policial, com o encontro de dois criminosos que se unem para um assalto, aos quais vem se juntar um terceiro e inesperado cúmplice. Como o de todo o grande filme criminal, o mecanismo é perfeito. É preciso ver a fabulosa sequência da evasão de Gian Maria Volonté, do comboio e a do assalto (cerca de vinte e cinco minutos, sem uma palavra de diálogo) para se ter a noção do que é o cinema de Melville: uma organização onde nada falha e tudo está no seu lugar. Excepcional presença dos três atores principais: Alain Delon frio e determinado, Yves Montand, arrombador de cofres alcoólico e Bourvil, célebre ator cómico, que faz aqui a sua despedida ao cinema no pungente papel de um polícia solitário. A exibir em cópia digital.



- Quarta-feira [15] 19h30 | Sala Luís de Pina

LA GUERRE EST FINIE

A Guerra Acabou

de Alain Resnais

com Yves Montand, Ingrid Thulin, Geneviève Bujold

França, 1965 – 114 min / legendado em português | M/12

Com argumento de Jorge Semprun, a primeira e única incursão de Resnais no cinema político. Este filme desencantado mostra as peripécias de um militante antifranquista, membro do Partido Comunista espanhol, exilado em França, que continua a fazer viagens clandestinas a Espanha, até se aperceber que “a guerra acabou” e que o tipo de militância que ele exerce está cada vez mais afastado da realidade espanhola. Realizado num estilo totalmente diferente dos filmes que tinham feito a celebridade de Alain Resnais, *LA GUERRE EST FINIE* é um exemplo único na sua obra de uma narrativa contínua, ao modo clássico. Yves Montand, “companheiro de viagem” do Partido Comunista durante alguns anos, é o intérprete perfeito para o personagem. O filme não é apresentado na Cinemateca desde julho de 2011.

- Terça-feira [21] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

- Quinta-feira [23] 19h30 | Sala Luís de Pina

LA SOLITUDE DU CHANTEUR DE FOND

de Chris Marker

com as presenças de Yves Montand, Bob Castella,
Chris Marker

França, 1974 – 60 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Yves Montand levou de frente, simultaneamente, duas carreiras, a de ator e a de cantor (são muito poucos os filmes em que canta). Em *LA SOLITUDE DU CHANTEUR DE FOND* vemo-lo apenas como cantor, na preparação de um *tour de chant* em Paris, como um “protesto solitário” contra o golpe de Estado ocorrido no Chile alguns meses antes. A solidão evocada no título (que também joga com o de *THE LONELINESS OF THE LONG-DISTANCE RUNNER*, clássico do *Free Cinema* britânico) é a de um homem que está, por assim dizer, sozinho com ele mesmo, enquanto prepara um espetáculo (a única outra pessoa a interagir com ele é o seu pianista). Chris Marker mistura a estas sequências trechos de outros concertos de Montand e o resultado é um retrato multifacetado do Montand cantor. O filme só foi apresentado uma vez na Cinemateca, em abril de 1996.

- Quarta-feira [22] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

- Quarta-feira [29] 19h30 | Sala Luís de Pina

LET'S MAKE LOVE

Vamo-nos Amar

de George Cukor

com Marilyn Monroe, Yves Montand, Tony Randall

Estados Unidos, 1960 – 115 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Em *LET'S MAKE LOVE*, George Cukor, conhecido como o cineasta das mulheres, por ter trabalhado com muitas das mais famosas atrizes de Hollywood, encontra Marilyn Monroe, mulher por excelência da década de cinquenta e dos seus mitos. Haveria um segundo encontro entre os dois em *SOMETHING GOT TO GIVE*, que ficou inacabado devido à morte da atriz. *LET'S MAKE LOVE* tem por pano de fundo o mundo do espetáculo: trata-se da história de um milionário que vai ser satirizado num espetáculo musical e, devido a



LE CERCLE ROUGE [RODAGEM]

um mal-entendido, acaba contratado para fazer o seu próprio papel. O homem não demora a apaixonar-se por uma corista. No filme, aparecem como convidados Bing Crosby, Gene Kelly e Milton Berle interpretando os próprios papéis. LET'S MAKE LOVE não é apresentado na Cinemateca desde setembro de 2012.

► Segunda-feira [27] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

JEAN DE FLORETTE

Jean de Florette

de Claude Berri

com Yves Montand, Gérard Depardieu, Daniel Auteuil

França, 1986 - 120 min / legendado em português | M/12

Marcel Pagnol não foi o único a adaptar ao cinema as suas peças e romances, sempre situados no sul de França (o sotaque meridional dos personagens faz parte da identidade deste cinema). Claude Berri adaptou as duas partes do romance *L'Eau des Collines*, respectivamente JEAN DE FLORETTE e MANON DES SOURCES. Em JEAN DE FLORETTE assistimos à guerra surda e sórdida que movem um jovem camponês, Ugolin, e o seu pai (Yves Montand) contra um cidadão, Jean de Florette, recentemente chegado à região e cujo terreno é cobiçado pela dupla pai/filho. Por detrás de

tudo está a luta pelo acesso à água para a agricultura. Jean de Florette, que não se apercebe das intrigas dos seus vizinhos, acabará por morrer, o que despertará o desejo de vingança por parte da sua filha, Manon. Primeira apresentação na Cinemateca.

► Segunda-feira [27] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

MANON DES SOURCES

Manon das Nascentes

de Claude Berri

com Yves Montand, Émanuelle Béart, Daniel Auteuil

França, 1986 - 113 min / legendado em português | M/12

MANON DES SOURCES é a continuação das peripécias de JEAN DE FLORETTE. Os anos passaram e Ugolin tornou-se próspero com a cultura e a venda de cravos. É chegada a hora dele se casar e ele faz a corte a Manon, que se tornara uma bela mulher. Mas há o risco que ela descubra que Ugolin foi responsável pela morte do pai dela. Entretanto, um professor primário chega à aldeia e ele e Manon apaixonam-se um pelo outro. Para vingar-se, Manon bloqueia uma das fontes de água da aldeia, onde o segredo coletivo sobre a morte de Jean de Florette não pode mais ser guardado. O próprio Pagnol adaptara o seu romance ao cinema em 1952 e a

presença de Émanuelle Béart no filme de Claude Berri faz eco à de Jacqueline Pagnol no filme de 1952. MANON DES SOURCES foi apresentado uma única vez na Cinemateca em 2008.

► Sexta-feira [17] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Terça-feira [28] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

COMPARTIMENT TUEURS

A Sexta Testemunha

de Costa-Gavras

com Yves Montand, Jacques Perrin, Jean-Louis Trintignant,

Simone Signoret, Michel Piccoli

França, 1965 - 95 min / legendado eletronicamente em português | M/12

A estreia na realização de Costa-Gavras deu-se através deste clássico *polar*, um policial à francesa, que teve um sucesso considerável. Isto abriu caminho aos filmes de forte ressonância política que o consagrariam internacionalmente no final da década, aos quais não faltam elementos de estilo vindos do cinema policial (Z, L'AVEU, ÉTAT DE SIÈGE). COMPARTIMENT TUEURS é um exercício de suspense, cujo ponto de partida tem semelhanças com a trama do célebre *Crime no Expresso do Oriente* de Agatha Christie: numa viagem de comboio entre Paris e Marselha é descoberto o cadáver de uma mulher, e na sequência da investigação conduzida pelo inspetor Yves Montand vários outros passageiros vão também aparecer mortos. Destaque para o notável elenco, reunindo a fina flor dos atores franceses da época. Yves Montand e Simone Signoret, estrela convidada no filme, no papel de uma corista, contracenam aqui pela primeira vez, brevemente ("Naquela noite, eu tinha uma estreia no teatro Mogador..."). A exhibir em cópia digital.



USO OBRIGATÓRIO DE MÁSCARA

O QUE QUERO VER

Interrompida pela pandemia e pelos condicionalismos dela decorrentes sobre a nossa atividade de programação (tal como aconteceu com outras rubricas regulares da nossa programação suspensas desde março de 2020), O QUE QUERO VER regressa a fechar o ano de 2021 e em versão "expandida", esperando-se que a partir de janeiro de 2022 volte ao seu formato habitual de uma ou duas apresentações mensais. Para tentar corresponder às muitas solicitações dos espectadores da Cinemateca que fomos recebendo ao longo dos últimos 11 meses, aproveitamos o mês de dezembro para um programa especial desta rubrica com um conjunto de 11 filmes, sendo cinco deles absolutamente inéditos nas salas da Rua Barata Salgueiro e os restantes seis escolhas "muito cá de casa". Uma escolha eclética programada a partir dos contributos dos nossos espectadores.



NOVYY VAVILON

► Quinta-feira [02] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

NOVYY VAVILON

"A Nova Babilónia"

de Gregori Kozintsev, Leonid Trauberg

com Elena Kusmina, Petr Sobolevski,

David Gutman, Serguei Guerasimov

URSS, 1929 - 102 min / mudo, intertítulos russos traduzidos em português | M12

COM ACOMPANHAMENTO AO PIANO POR DANIEL SCHVETZ

Uma das obras-primas do cinema soviético, marcada pela estética da FEKS ("Fábrica do Actor Excêntrico", o grupo

de cineastas de Leninegrado a que pertencia Kozintsev) e pelo cinema de Eisenstein. Uma delirante evocação da insurreição da Comuna de Paris em 1871, onde uma operária e um soldado, de origem camponesa, se fundem nas massas que se levantaram na primeira revolução proletária (que foi massacrada impiedosamente). A música original, de Dmitri Chostakovich, não incluída nesta cópia, era tão moderna para os ouvidos da época que alguns espectadores vinham queixar-se que o maestro estava bêbedo... O filme não é apresentado na Cinemateca desde 2010.

► Quarta-feira [15] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Quinta-feira [23] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

L'AMOUR À VINGT ANS

de Shintarô Ishihara, Marcel Ophüls, Renzo Rossellini,

François Truffaut, Andrzej Wajda

com Jean-Pierre Léaud, Cristina Gaioni, Kôji Furuhashi,

Vera Tschechowa, Barbara Lass, Zbigniew Cybulski

França, Itália, Japão, Polónia, R.F.A., 1962 - 110 min legendado em português | M/12

Filme *omnibus*, produzido por Pierre Roustang, sobre os amores obsessivos e, finalmente, desgostosos dos

nossos verdes anos. Abre com a sequência de LES QUATRE CENTS COUPS de François Truffaut, encontrando o protagonista Antoine Doinel no final da adolescência, a braços com as alegrias e as agruras de uma primeira paixão. As vinhetas assinadas por Renzo Rossellini, filho de Roberto Rossellini, por Shintarô Ishihara, importante escritor e político japonês, e ainda por Marcel Ophüls, o documentarista do grupo, contam histórias sobre abandono, divisão e obsessão, mostrando o lado menos agradável das relações amorosas. O episódio final, realizado por Andrzej Wajda e protagonizado pelo “James Dean da Polónia”, Zbigniew Cybulski, é uma história de amor crescentemente “absurda” que começa sob a forma de dilema moral: uma mulher vê o seu amor por um homem fraquejar quando este se limita a fotografar uma tragédia iminente ao invés de intervir para a evitar. Os filmes são separados por fotografias de Henri Cartier-Bresson e pela música de Georges Delerue que dá nome ao filme. Primeira apresentação na Cinemateca.

- Sexta-feira [17] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
► Quarta-feira [22] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

LES GRANDES MANOEUVRES

As Grandes Manobras

de René Clair

com Michèle Morgan, Gérard Philipe,
Jean Desailly, Brigitte Bardot

França, Itália, 1955 – 106 min
legendado eletronicamente em português | M/12

As “grandes manobras” do título não dizem respeito ao universo militar onde encontramos o protagonista, um *Don Juan* muito seguro de si interpretado por Gérard Philipe. Este aposta que conseguirá conquistar uma divorciada interpretada por Michèle Morgan antes de o seu regimento partir em missão. Filme romântico, vencedor do Prémio Louis Delluc e Georges Méliès, com a fleuma habitual do cinema de René Clair, autor de algumas das comédias mais intemporais da história do cinema e que aqui, como escreveu Georges Sadoul, “mostr[a] sem indulgência a morte e a sordidez escondidas sob os *frou-frous* da *Belle-Époque*”. Conta ainda com o atrativo de ter no elenco uma Brigitte Bardot em começo de carreira. Primeira apresentação na Cinemateca.

- Sábado [18] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

THE DEVILS

Os Diabos

de Ken Russell

com Vanessa Redgrave, Oliver Reed, Dudley Sutton

Reino Unido, 1971 – 109 min
legendado eletronicamente em português | M/16

Realizador extraordinariamente polémico, conhecido nalguns circuitos como “o Fellini do Norte”, Ken Russell tem em THE DEVILS aquela que é, para muitos, a sua obra mais definidora. Adaptação de um livro de Aldous Huxley, trata-se de um filme de horror situado em França, no século XVII, em que um padre é acusado de ser responsável pela possessão demoníaca de uma freira viciada em sexo. Considerado herético à época, censurado no Reino Unido e Estados Unidos, o filme é um mostruário da capacidade de Ken Russell para criar uma imagética barroca e chocante. O crítico britânico Mark Kermode refere que THE DEVILS “nunca perdeu a sua capacidade para cativar e enfiar em igual medida”. Primeira apresentação na Cinemateca.

- Quarta-feira [22] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

JOHNNY GUITAR

Johnny Guitar

de Nicholas Ray

com Joan Crawford, Sterling Hayden,
Mercedes McCambridge, Scott Brady, Ward Bond

Estados Unidos, 1954 – 110 min / legendado em português | M/12

Um dos *westerns* maiores da história do cinema, de cores agressivas e imagens barrocas (as fabulosas cenas de Joan Crawford no interior do *saloon*, o cenário deste com os fantomáticos *croupiers* e a roleta a rodar). Um filme “onde os *cowboys* desmaiam e morrem com a graça das bailarinas” (Truffaut). E um “duelo” sem tréguas entre as fabulosas Vienna (Crawford) e Emma (McCambridge). “Rever as imagens do JOHNNY GUITAR é

rever a recordação delas. Para quem o vê pela primeira vez, é ainda de rever que se trata. Porque todas as personagens não fazem outra coisa. [...] JOHNNY GUITAR é um filme construído em *flashback* sobre uma imensa elipse? Ou é uma imensa elipse construída sobre um *flash* que não pode *come back*? Ou será que é tudo a mesma coisa?” (João Bénard da Costa).

- Quinta-feira [23] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

MONKEY BUSINESS

A Culpa Foi do Macaco

de Howard Hawks

com Ginger Rogers, Cary Grant,
Charles Coburn, Marilyn Monroe

Estados Unidos, 1952 – 97 min / legendado em português | M/12

Uma comédia genial de Hawks que começa logo com um irresistível pré-genérico: a apresentação de Cary Grant. Este é o típico sábio distraído, químico de profissão, que julga ter descoberto o elixir da juventude e o experimenta, regredindo até à primeira infância. Ginger Rogers faz o papel da sua mulher. Num papel secundário, Marilyn.

- Segunda-feira [27] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

THE SLENDER THREAD

Chamada Para a Vida

de Sydney Pollack

com Sidney Poitier, Anne Bancroft, Telly Savalas

Estados Unidos, 1965 – 98 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Primeira realização de Sydney Pollack, depois de anos a trabalhar para a televisão, este drama de pendor realista lida com a questão sensível do suicídio, numa clínica onde, certo dia, um estagiário (Sidney Poitier) atende o telefonema de uma mulher (Anne Bancroft) que diz ter tomado demasiados comprimidos para dormir. Baseado num caso real, a ação acompanha o desenvolvimento da relação improvável entre o estudante negro de psicologia e a mulher branca e rica da chamada telefónica, enquanto uma outra investigação procura localizar esta última e impedir a tragédia. Primeira apresentação na Cinemateca. A exibir em cópia digital.

- Quarta-feira [29] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
► Quinta-feira [30] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

SPLENDOR IN THE GRASS

Esplendor na Relva

de Elia Kazan

com Warren Beatty, Natalie Wood, Barbara Loden,
Pat Hingle, Audrey Christie, Fred Stewart

Estados Unidos, 1961 – 124 min / legendado eletronicamente em português | M/12

SPLENDOR IN THE GRASS adapta uma peça de William Inge que gira à volta dos recalcamientos sexuais (como acontecia em *Picnic*, peça do mesmo autor, também adaptada ao cinema). Neste caso, as personagens são dois adolescentes à descoberta do amor no fim da década de vinte. Elia Kazan constrói um dos mais dilacerantes e belos poemas de amor no cinema, dando a Warren Beatty e a Natalie Wood os papéis das suas vidas. A sequência em que se invoca o poema que dá o título ao filme é um dos momentos mais perfeitos da História do cinema.

- Quarta-feira [29] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
► Quinta-feira [30] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

LONELY ARE THE BRAVE

Fuga Sem Rumo

de David Miller

com Kirk Douglas, Gena Rowlands, Walter Matthau

Estados Unidos, 1962 – 107 min / legendado em português | M/12

Um clássico escondido de David Miller, baseado num romance de Edward Abbey, que é aqui transposto para o grande ecrã pela pena do famoso argumentista Dalton Trumbo. Kirk Douglas, num dos melhores papéis da sua carreira, ao lado de Gena Rowlands e Walter Matthau, interpreta um *cowboy* contemporâneo que rejeita o mundo moderno e que fará tudo ao seu alcance para libertar um amigo da prisão, mesmo que tenha de enfrentar a sua própria reclusão. Douglas sempre considerou este *western* elegíaco um dos seus filmes mais conseguidos, tendo-se envolvido na produção como antes fizera em SPARTACUS (também com argumento de Trumbo), adquirindo os direitos da obra de Abbey e influenciando a realização de Miller. Primeira apresentação na Cinemateca.

- Quarta-feira [29] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

A CLOCKWORK ORANGE

Laranja Mecânica

de Stanley Kubrick

com Malcolm McDowell, Patrick Magee,
Michael Bates, Adrienne Corri

Reino Unido, 1971 – 136 min / legendado em português | M/16

A impressionante adaptação do romance de Anthony Burgess por Kubrick tem por pano de fundo uma sociedade de um futuro “próximo” (talvez não muito diferente da de hoje), onde gangues de adolescentes dão largas aos seus instintos e brutalidade em cenários estilizados, ao som de Beethoven e de *Singin’ in the Rain*. O filme foi muito cortado pela censura em vários países. Entretanto, conquistou um estatuto de culto. Esta parábola política tem imagens ultratípicas da estética dos anos setenta e uma fabulosa interpretação de Malcolm McDowell no papel principal.

- Quinta-feira [30] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

HOUSE OF STRANGERS

Sangue do Meu Sangue

de Joseph L. Mankiewicz

com Edward G. Robinson, Susan Hayward,
Richard Conte, Debra Paget

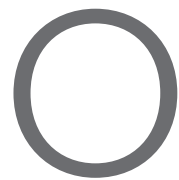
Estados Unidos, 1949 – 99 min / legendado em português | M/12

História de vingança adocicada pela relação entre Richard Conte, o criminoso italo-americano incapaz de desculpar a traição dos seus irmãos, e um amor do passado, Susan Hayward. Lançado no mesmo ano do magnífico A LETTER TO THREE WIVES, sofreu no *box-office* por causa de uma polémica originada em declarações públicas de Joseph L. Mankiewicz, dando a entender que os donos das salas de cinema não tinham nada que se pronunciar sobre o valor dos filmes. Aquando da sua última – e única – passagem na Cinemateca, Frederico Lourenço escreveu: “é uma espécie de filme esquecido na filmografia de Mankiewicz, o que é injusto, pois o filme tem muito para o recomendar”. HOUSE OF STRANGERS não é apresentado na Cinemateca desde 1992. A exibir em cópia digital.



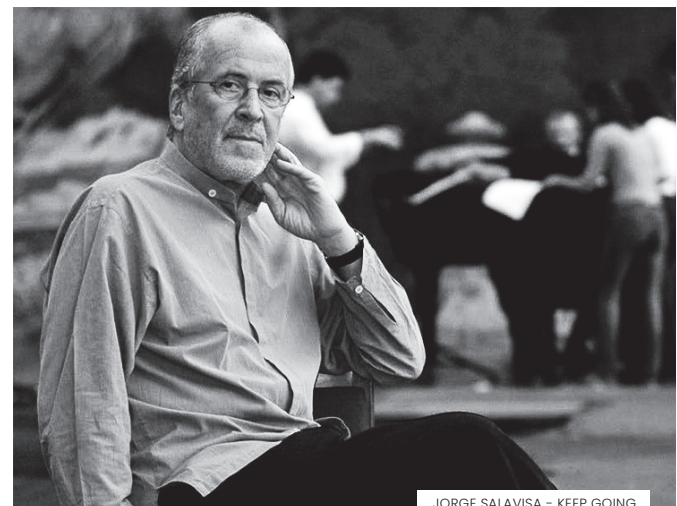
LONELY ARE THE BRAVE

A CINEMATECA COM O INSHADOW



InShadow – Lisbon ScreenDance Festival apresenta, este ano, a sua 12ª edição (prevista para 2020 e adiada pela pandemia) e exhibirá, em colaboração com a Cinemateca Portuguesa, um ciclo em tributo a Jorge Salavisa (1939–2020), figura incontornável da dança em Portugal e co responsável pela existência deste festival. Esta homenagem divide-se em três sessões, constituídas pelo documentário

JORGE SALAVISA – KEEP GOING, que revisita os 50 anos de carreira de Jorge Salavisa conduzido pelas palavras do próprio, uma retrospectiva de filmes de vídeo-dança das primeiras e últimas edições do InShadow, que exploram a relação do corpo com o espaço numa celebração da dança como forma de expressão de um mundo interior com repercussão no mundo exterior e, finalmente, um diálogo entre dois filmes sobre Pina Bausch, LISSABON-WUPPERTAL-LISBOA, um documentário de Fernando Lopes, e HOTEL MÜLLER, de João Salaviza, curta-metragem realizada a convite do próprio Jorge Salavisa. No seu conjunto estas obras iluminam não só a vida de Jorge Salavisa, mas também a sua paixão pela criação e pela transdisciplinaridade das práticas artísticas, traduzindo-se num espaço de partilha de experiências que se cruzam através da dança.



JORGE SALAVISA – KEEP GOING

► Quinta-feira [02] 19h30 | Sala Luís de Pina

M DE MAFRA

de Virpi Pakkinen

Suécia, 2008 – 10 min

SIDE B

de Peter Sparling

Estados Unidos, 2009 – 10 min

HANNAH

de Sérgio Cruz

Portugal, Inglaterra, 2010 – 6 min

MELT

de Noémie Lafrance

Estados Unidos, Canadá, 2010 – 10 min

CORPO SEM ÓRGÃOS

de Renata Ferraz

Portugal, 2012 – 8 min

PERIPHERAL VISION

de Antti Ahokoivu

Finlândia, 2013 – 16 min

ECHO

de Nicola Balhuizen Hepp

Países Baixos, 2013 – 1 min

IN(DI)VISÍVEL

de João Afonso Vaz

Portugal, 2021 – 10 min

duração total da projeção: 71 min | M/12

COM A PRESENÇA DE RENATA FERRAZ E JOÃO AFONSO VAZ

Os oito títulos que compõem esta sessão afirmam a potência da fusão entre a dança e o cinema. M DE MAFRA aborda a dança e enquanto performance do simbólico, numa relação entre uma misteriosa bailarina e a luz do sol que ilumina uma biblioteca em Maфра. SIDE B, apre-

senta um estudo sarcástico e multifacetado do bailarino, cuja improvável nudez evoca “o lado oculto do corpo performativo”. HANNAH reflete a relação entre a arte e o desporto, numa exploração da fluência dos movimentos aquáticos de uma jovem bailarina e atleta. MELT inspira-se na performance do mesmo nome, na qual, fazendo lembrar o mito de Ícaro e Dédalo, os bailarinos, dançam “envoltos em trajes esculturais de cera de abelha e lanolina que lentamente se derretem”. CORPO SEM ÓRGÃOS (de Renata Ferraz, Prémio InShadow 2012) toma o conceito deleuziano para o tornar prática, usando a dança como resistência que problematiza “as formas canonizadas de ver o próprio corpo”. PERIPHERAL VISION “examina a interação entre a Natureza e os Seres Humanos, bem como a desconfiança entre os homens”. ECHO retrata a anacronia da idade no corpo de um idoso que, ao dançar, se depara com a juventude. Em IN(DI)VISÍVEL de João Afonso Vaz (Prémio Território – InShadow 2021) doze bailarinos são confrontados por uma súbita separação. A dança constrói o elo material desses corpos intangíveis.

► Sexta-feira [03] 19h30 | Sala Luís de Pina

HOTEL MÜLLER

de João Salaviza

Portugal, 2010 – 18 min

LISSABON WUPPERTAL LISBOA

de Fernando Lopes

Portugal, 1998 – 35 min

duração total da projeção: 53 min | M/12

SESSÃO COM APRESENTAÇÃO

Sessão de homenagem à incontornável Pina Bausch que aborda a ligação criativa que a coreógrafa teve com a cidade Lisboa. HOTEL MÜLLER surge de um convite

de Jorge Salavisa, para exibição no evento “Pina Bausch: Um ano depois”, em 2009, a relembrar a data em que a coreógrafa teria dançado pela última vez na sua carreira, precisamente no Teatro São Luiz. Numa interpretação cinematográfica livre de *Café Müller*, Salaviza transfere a peça autobiográfica da coreógrafa para uma zona híbrida entre a dança e o quotidiano. Não é de esquecer que Bausch e a sua companhia, Tanztheater Wuppertal, tiveram também a oportunidade de criar uma peça na nossa cidade: *Masurca Fogo*, inspirada numa Lisboa “aberta, luminosa e quente”, nos seus hábitos e na sua multiculturalidade, foi criada a partir de uma residência artística encomendada aquando da Exposição Internacional de Lisboa Expo’98 e documentada no filme LISSABON WUPPERTAL LISBOA, de Fernando Lopes.

► Sábado [04] 19h30 | Sala Luís de Pina

JORGE SALAVISA – KEEP GOING

de Marco Martins

Portugal, 2011 – 51 min | M/12

SESSÃO COM APRESENTAÇÃO

Figura de enorme relevo na cultura portuguesa, Jorge Salavisa conta com uma longa carreira nacional e internacional. Tendo atuado como bailarino com alguns dos grandes nomes do bailado mundial, foi ainda responsável pela direção artística do Ballet Gulbenkian. JORGE SALAVISA – KEEP GOING documentário que partiu de uma ideia de Luísa Taveira e Miguel Honrado, Marco Martins reconstrói um percurso de 50 anos, salientando “a sua paixão pela pluralidade das artes e o seu trabalho incessante de dar visibilidade a velhos e novos criadores”. Primeira apresentação na Cinemateca



HANNAH



HOTEL MÜLLER



MELT

SALVAR A CINEMATECA BRASILEIRA! EPÍLOGO

É de facto um epílogo desta vigília que aqui iniciámos no dia 6 de setembro, em solidariedade com os nossos colegas de São Paulo. No momento em que este jornal é fechado temos a confirmação de que uma parte importante da equipa da Cinemateca Brasileira pode finalmente aceder ao interior das instalações no dia 17 de novembro, pondo assim termo ao mais injusto e gravoso de todos os inusitados bloqueios que tem enfrentado. A autorização surge na sequência do contrato “emergencial” entretanto assinado entre a SAC – Sociedade Amigos da Cinemateca e o Governo Federal, por sua vez resultante de um concurso, ganho por essa Sociedade, para a gestão do organismo nos próximos cinco anos. Não sendo um fim cabal de toda a crise que tem ameaçado o património cinematográfico do Brasil, e que levou à destruição efetiva de componentes importantes desse património (pode obter mais informações sobre isso no nosso próprio site), é um desfecho importantíssimo para a fase mais aguda da crise, que nos apraz assinalar e celebrar, ao lado dos nossos colegas brasileiros e em consonância com a comunidade internacional. Em coerência com o que tínhamos anunciado, perante a celebração do contrato de gestão e a reabertura das instalações, esta vigília chega ao seu termo, e fechamo-la com a prevista sessão em que contamos com mais uma presença marcante do Cinema Brasileiro, a atriz e realizadora Ana Maria Magalhães. Grande atriz de muitas obras da geração do Cinema Novo (de Nelson Pereira dos Santos, Carlos Diegues, Glauber Rocha, Gustavo Dahl...), Ana Maria Magalhães iniciou também uma significativa carreira de realizadora, sobretudo de documentários, a partir de finais dos anos 70, sendo então com o seu penúltimo filme que fechamos esta série de sessões de solidariedade, que é também de homenagem ao cinema daquele país.



MANGUEIRA EM 2 TEMPOS © Mustapha Barar

► Sexta-feira [03] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

MANGUEIRA EM 2 TEMPOS

de Ana Maria Magalhães

Brasil, 2020 – 90 min | M/12

COM A PRESENÇA DE ANA MARIA MAGALHÃES

Ana Maria Magalhães mantém uma relação estreita de amizade com a comunidade pertencente à Mangueira do Amanhã, escola de samba mirim do Rio de Janeiro, na qual filmou já um vídeo-documentário com o mesmo nome, sobre as crianças que dão os seus primeiros passos na dança e na música. MANGUEIRA EM 2 TEMPOS revisita estas crianças 30 anos depois, documentando não só os seus percursos, como as circunstâncias brutais da vida dos moradores das favelas. Neste contexto é relevada a importância cultural e social, nas comunidades e na representação do Brasil Negro, da música e da expressão do talento e da criatividade em condições adversas através do samba e do funk, ritmos marcados pelas batidas a 2 tempos.

IN MEMORIAM PIERRE-MARIE GOULET

A Cinemateca presta homenagem a Pierre-Marie Goulet (1950–2021). O cineasta iniciou a sua carreira como realizador na década de 1970, em França, contando principalmente com curtas-metragens e documentários, como MEVLEVI (1970), CORPS MORTS (1972), UM PAYSAN DES ALPES (1973), NAISSANCE (1973), Ô GAULE (1974), ICI (1975), DJERRAHI (1978), BALADE (1978), SITE (1980), AT PÈRE LACHAISE (1986) e PLAGE (1987). Radicado em Portugal desde 1990, edificou uma singularíssima obra de cinema poético realizada em Portugal, composta por três belíssimos filmes, POLIFONIAS – PACI É SALUTA (1998), ENCONTROS (2006) e O ÚLTIMO PORTO – ALÉM DAS PONTES (2016), a qual, no entrecruzamento entre imagem, música e poesia, torna visível a importância do esforço de resgate da memória do cinema, da cultura portuguesa e da terra, enquanto momentos estéticos que nos definem. Nestes filmes, e nas palavras de José Manuel Costa “o Alentejo é parte de uma terra maior que circunda o Mediterrâneo, e onde, pela música e pela poesia popular, se fala uma língua comum. Filmou a roda do cante alentejano como, nos seus inícios, tinha filmado o rodopio dos dervixes das cerimónias sufi, e, num sentido literal, usou a câmara para ligar pessoas, que eram sempre comunidades, ou que, nos seus filmes, se tornaram comunidades”. Deixou ainda a sua marca enquanto admirável programador, “desenhando e acompanhando ciclos que por sua vez ficaram registados sobre a arte da programação”, como “O Olhar de Ulisses”, no Porto em 2001 e “Duas Margens” no DocLisboa de 2002, tendo ainda sido cofundador da Associação Os Filhos de Lumière, no qual, com a sua companheira Teresa Garcia, realizou um importante trabalho pedagógico em workshops e programas, como é o caso de “O Cinema, cem anos de juventude”, onde construíram passo a passo, ainda uma outra comunidade, feita das crianças e jovens que por aí foram crescendo com o cinema.

A Cinemateca despede-se, deste modo, “de um grande Realizador, de um Amigo, e, durante as duas últimas décadas, um muito próximo e inestimável Colaborador” (José Manuel Costa).

► Terça-feira [07] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

O ÚLTIMO PORTO – ALÉM DAS PONTES

de Pierre-Marie Goulet

com Kudsi Erguner, Virgínia Dias,
Manuela Barros Ferreira, Cláudio Torres,
Margarida Pamplona Leite, Nezih Uzel

Portugal, 2019 – 87 min / legendado em português | M/12

COM AS PRESENCAS DE TERESA GARCIA E KUDSI ERGUNER (A CONFIRMAR)

Derradeiro filme de Pierre-Marie Goulet, O ÚLTIMO PORTO procura concretizar em imagens e sons o sentimento de uma analogia subterrânea, sem dúvida em parte subjetiva, a partir de dados topográficos e culturais portugueses e turcos, evocando também a permanência silenciosa da cultura muçulmana na cultura portuguesa. Ao provocar encontros entre membros destas duas culturas, por intercessão da música, da poesia e dos lugares, revela-se o que, para além dos dados históricos, tece os laços entre dois universos aparentemente tão distantes um do outro.



ANTE-ESTREIAS

A semelhança do que tem acontecido em anos anteriores, a Cinemateca apresenta um conjunto de três sessões de programas constituídos por novíssimos trabalhos de curta-metragem de alunos de três escolas distintas: Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha (ESAD.CR), Ar.Co – Centro de Arte & Comunicação Visual e ETIC – Escola de Tecnologias, Inovação e Criação.

► Terça-feira [07] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

SESSÃO ESAD.CR

SEMEAR, OUVIR, FLUIR

de Irina Oliveira

Portugal, 2020 – 11 min

WRECKIN' CLEMENTINE

de Miguel Grazina, Cláudia Fernandes

Portugal, 2020 – 26 min

PLANT LOVERS

de Edgar Santos

Portugal, 2021 – 6 min

UNHIDDEN

de Mafalda Amorim

Portugal, 2021 – 14 min

GLIMPSES OF A SHATTERED DREAM

de Tiago Sanches

Portugal, 2020 – 8 min

LÁ, ONDE ACHEI QUE FICARIA PARA SEMPRE

de Inês França, Joana Schurr

Portugal, 2021 – 17 min

CONTRAFOGO

de Carolina Vieira

Portugal, 2020 – 10 min

duração total da projeção: 92 min | M/12

SESSÃO COM APRESENTAÇÃO

O alinhamento da sessão é composto por sete filmes de alunos realizados no ano letivo de 2020/2021, por alunos

finalistas do curso de Som e Imagem selecionados pela ESAD.CR. Passando pelos territórios da ficção, documentário, do experimental e da animação, estes filmes refletem a variedade de práticas e expressões que movem os jovens cineastas. SEMEAR, OUVIR, FLUIR permite a contemplação textural de flashes da vida e da “beleza do mundo”. WRECKIN'CLEMENTINE mostra um casal que, fechado durante uma pandemia, desenvolve uma “nova percepção do tempo e deles mesmos”. PLANT LOVERS conta a aventura de duas plantas separadas na sua tentativa de reunião. UNHIDDEN leva-nos “a um mundo que não conseguimos ver a olho nu” para imaginar as vidas dos insetos. GLIMPSES OF A SHATTERED DREAM apresenta “um espírito reprimido retorna ao mundo físico numa tentativa de encontrar uma prova da sua existência”. LÁ, ONDE ACHEI QUE FICARIA PARA SEMPRE configura uma exploração “sensorial” da relação do consciente e do subconsciente. Em CONTRAFOGO o realizador aborda “uma autorrepresentação através de um jogo de sombras”.

► Quarta-feira [15] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

SESSÃO ETIC

CURTAS METRAGENS DA ETIC

80 min | M/12

SESSÃO COM APRESENTAÇÃO

Sessão com um programa de novíssimos trabalhos de curta-metragem dos alunos da ETIC, ainda em fase de acabamento à data de fecho deste programa.

► Quinta-feira [16] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

SESSÃO AR.CO

ATMA

de Ana Vala

Portugal, 2021 – 12 min

CATÁSTROFES NATURAIS

de Margarida Pinto da Fonseca

Portugal, 2021 – 6 min

AMOR SEM TÍTULO

de Gonçalo Fonseca

Portugal, 2021 – 4 min

LOVE IS A TREASURE (THE HOUSE)

de Mónica Conceição e Silva

Portugal, 2021 – 17 min

REWIND TO SKIP

de Ivan Brazuna

Portugal, 2021 – 2 min

A DANÇA DAS HORAS

de GAIATO

Portugal, 2021 – 15 min

COISAS DE MÃE

de Felipe Andrat

Portugal, 2021 – 17 min

duração total da projeção: 73 min | M/12

SESSÃO COM APRESENTAÇÃO

Esta seleção, que conta com sete filmes de alunos do Departamento de Cinema/Imagem em Movimento do Ar.co, reflete o esforço coletivo e criativo de uma nova geração de realizadores. Em ATMA, uma rapariga ingressa num ciclo de treino para anular a gravidade nos corpos e mentes, no qual lhe são “reveladas capacidades e lugares anteriormente desconhecidos”. CATÁSTROFES NATURAIS aborda o conceito de catástrofe entre a natureza e o humano assim como o que pode nascer de cada catástrofe vivida. AMOR SEM TÍTULO usa imagens de arquivo pessoal do realizador, com o propósito de criar um retrato do sentimento de amar. LOVE IS A TREASURE posiciona Elisa, “uma pessoa misteriosa que vê o mundo à sua volta de forma peculiar”, numa linha incerta entre o real e o imaginário. REWIND TO SKIP é “um gatilho para uma experiência imersiva de reanimação da memória cinematográfica através de um frenesim de referências que nos transpõem”. A DANÇA DAS HORAS segue o movimento rotineiro de um corpo pensando o limite estético entre o quotidiano e o bailado. COISAS DE MÃE cruza o processo físico com o terapêutico, desenvolvendo uma conversa íntima entre a realizadora e a sua mãe no intuito de reconstituir fragmentos da sua vida e, consequentemente, a relação entre as duas.

COM A LINHA DE SOMBRA

Nesta rubrica regular feita em colaboração com a livraria Linha de Sombra, em dezembro assinalamos dois lançamentos através de duas sessões de cinema. No dia 20, propomos a exibição de AKASEN CHITAI/A RUA DA VERGONHA de Kenji Mizoguchi para complementar a apresentação do livro do quarto volume da ambiciosa edição de compilação dos *Escritos sobre Cinema* de João Bénard da Costa, em que a Cinemateca tem estado a trabalhar e que inclui todos os textos por ele escritos na Cinemateca, as “folhas” por ele iniciadas na Fundação Calouste Gulbenkian e textos seus publicados em catálogos coeditados pela Cinemateca e a Gulbenkian. A segunda sessão de janeiro desta rubrica resulta de nova colaboração com a Academia Portuguesa de Cinema e tem como pretexto o lançamento em DVD de PERDIDO POR CEM... de António-Pedro Vasconcelos, que terá lugar no espaço da livraria Linha de Sombra nos 39 Degraus a anteceder a exibição do filme no dia 17 de dezembro. Trata-se de uma edição da Academia Portuguesa de Cinema em colaboração com a Cinemateca no contexto da “Coleção da Academia”, a qual visa recuperar e editar obras emblemáticas do cinema português, contribuindo em simultâneo para a sua preservação e difusão junto de um público alargado em versões restauradas digitalmente.

► Sexta-feira [17] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

PERDIDO POR CEM...

de António-Pedro Vasconcelos

com José Cunha, Marta Leitão, Nuno Martins, Ana Maria Lucas, Rosa Lobato Faria

Portugal, 1972 – 117 min | M/12

COM A PRESENÇA DE ANTÓNIO-PEDRO VASCONCELOS

Foi a primeira longa-metragem de António-Pedro Vasconcelos, com a marca da Nova Vaga francesa. É um filme lisboeta, de planos-sequência, câmara à mão, som direto, atores não profissionais, de que Fernando Lopes falou como “um imenso adeus aos nossos verdes anos.” “Nenhuma obra anterior [no cinema português] tinha aplicado tão convictamente a ‘gramática’ da Nouvelle Vague” (José Manuel Costa).

► Segunda-feira [20] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

AKASEN CHITAI

“A Rua da Vergonha”

de Kenji Mizoguchi

com Machiko Kyo, Ayako Wakao, Aiko Mimasu

Japão, 1956 – 85 min / legendado em português | M/12

O primeiro Ciclo dedicado a Kenji Mizoguchi – “Filmes de Mizoguchi” – foi realizado na Cinemateca em 1988, ano em que foi possível incorporar na nossa coleção novas cópias de AKASEN CHITAI e de YOKIHI, divulgadas na ocasião. Mas AKASEN CHITAI, enquanto derradeiro filme de Mizoguchi, que morreu aos 58 anos, poucos meses depois da sua estreia, foi também um dos marcos de um Ciclo muito diferente, no qual interrogávamos precisamente a questão recorrente da natureza mais ou menos “testamental” das obras finais dos grandes autores (“O Topus Ilumina o Opus?”, em 1990). Se uma casa de família tiver muitas mulheres, será que se pode dizer que é, em certa medida, uma casa de meninas? Não responda! Venha antes ver este filme que Mizoguchi fez com aquela idade em que se pode dizer que a fama já vem de longe. Ou seja, se em qualquer idade se podem fazer perguntas, só com certa idade se encontram as respostas. Uma ajuda: é sem vergonha o filme de uma casa e é sem vergonha um retrato idealizado.

O FILMar COM O DIA MAIS CURTO

A Cinemateca volta a associar-se à organização do dia que internacionalmente celebra o formato da curta-metragem. Pelo nono ano consecutivo, numa colaboração com a Agência da Curta Metragem, no dia mais curto do ano, o do Solstício de inverno, a Cinemateca apresenta uma sessão especial este ano associada ao programa FILMar para celebrar o formato, numa original iniciativa que nasceu em 2011, em França, e que ocorre em simultâneo em dezenas de países em todo o mundo.

Uma das missões do FILMar é a de articular, dentro da história do cinema português, relações que permitam pensar de que modo o mar se constituiu como elemento narrativo, não apenas no plano do espaço físico, mas também na sua análise social. E isso é algo que se estende, ainda, aos formatos e meios através dos quais os realizadores optaram por interpretar uma matéria reveladora, também ela, de dimensões históricas de relevo, tanto de um ponto de vista plástico, como narrativo.

A seleção feita para o programa "O Dia Mais Curto", compreende essas diferentes componentes, não apenas nos diferentes géneros – ficção, documentário, filme institucional, animação –, mas também porque entende o cinema como lugar de problematização dos filmes, do seu lugar e das suas reinscrições. Na releitura da história do cinema português a que o projeto FILMar se permite, dados os objetivos de preservação e divulgação do património fílmico relacionado com o mar – e dentro deles um enfoque muito especial para o formato curta-metragem –, é de registar a diversidade de propostas que, ao longo das décadas, permitem construir uma linha estruturante que acompanha o início de percursos, as encomendas institucionais, os filmes de promoção turística, de investigação científica e, dadas as circunstâncias políticas do país, de propaganda oficial, a experimentação estilística e ensaística, a liberdade da animação, e a confluência de temáticas distintas na ficção.

Se, na sua brevidade, levantam questões que, com o tempo, suscitam importantes releituras do papel que estes filmes podem ter na compreensão de um contexto, de um género ou de um discurso, é também verdade que o formato se presta a uma observação inquiridora, especulativa, por vezes denunciadora, ainda que narrativamente possa ser elíptica. Assim, o trabalho que iniciamos com o programa "O Dia Mais Curto" tem como objetivo a promoção de um diálogo entre o cinema e o mar no formato curta-metragem, criando oportunidades de diálogo que, na forma, na temática, no género e na singularidade, melhor traduzam o modo como podem as narrativas ficcionais ou documentais ler um tempo e um universo coincidentemente comum.

Esta sessão decorre no âmbito do projeto FILMar, projeto operacionalizado pela Cinemateca, no âmbito do programa EEAGrants 2014-2021

► Terça-feira [21] 19h30 | Sala Luís de Pina

A SEA CAVE NEAR LISBON

A Boca do Inferno em Cascais
de Harry Short

Portugal, Reino Unido, 1896 - 1 min / mudo

FADO LUSITANO

de Abi Feijó

Portugal, 1995 - 6 min

TRÁFEGO E ESTIVA

de Manuel Guimarães

Portugal, 1968 - 17 min

... E ERA O MAR

de José Fonseca e Costa

Portugal, 1966 - 11 min

NÁUFRAGOS

de Pedro Neves

Portugal, 2018 - 17 min

SUPERFÍCIE

de Rui Xavier

Portugal, 2007 - 14 min

LASCAS

de Natália Azevedo Andrade

Portugal, 2020 - 10 min

duração total da projeção: 76 min | M12

FILMar



TRÁFEGO E ESTIVA

SESSÃO COM APRESENTAÇÃO

Juntamos nesta sessão um conjunto de títulos que, na riqueza da sua diversidade, criam pontes relevantes para compreender de que modo o mar pode ser matéria de inspiração, inclusive para a interpretação das consequências de um destino nacional. Desde logo, as primeiras imagens em movimento que existem em Portugal, são-no do mar, na Boca do Inferno, captadas no ano em que o cinema chegava a Portugal. Iniciamos viagem admitindo que as paragens são muitas, contemplando o mar como lugar de trabalho, de morte, de luxo, de escape, de sobrevivência e de imaginação. Os filmes reunidos apontam, ainda, para leituras que antecipam questões que hoje são prementes, como a sustentabilidade dos oceanos, as condições laborais, os fluxos migratórios ou a identidade histórica nacional. Os filmes são, ainda, exemplares no modo como respondem a diferentes encomendas, tratando de fixar, pelos discursos, pelos rostos, ou pela relação do mar com o espaço (geográfico, territorial, arquitetónico e emocional), modos narrativos de interpelar a memória, a história e a condição do homem perante o poder da natureza. ...E ERA O MAR e TRÁFEGO E ESTIVA são exibidos em cópias digitais (esta última uma nova digitalização feita no âmbito do projeto FILMar). NÁUFRAGOS e LASCAS são primeiras apresentações na Cinemateca.

Durante o confinamento geral ditado pela pandemia que levou ao encerramento temporário das salas de cinema em todo o mundo, Sala de Projeção foi o nome dado a um espaço virtual que a Cinemateca manteve em atividade de publicação on-line entre 29 de abril e 30 de junho de 2020, integrado num conjunto mais vasto de iniciativas disponibilizadas na plataforma Gestos & Fragmentos. Este foi um espaço surgido da vontade de conversar sobre o universo que se concentra nessas salas e na experiência única que nelas acontece. Sob a forma de textos, imagens, pequenos filmes, os contributos originais que lhe deram vida foram generosos contributos de autores diversos, juntos nesse desafio e na sua ligação ao cinema, a quem a Cinemateca reconhecidamente agradece.

Novembro/Dezembro 2021 - salas museográficas
Segunda-feira a sábado, das 14h às 21h30
ENTRADA GRATUITA

Sala de Projeção

A EX
POSIÇÃO



MANTENHA O DISTÂNCIAMENTO FÍSICO



OPTE POR PAGAMENTOS ELETRÓNICOS

VENDA DE BILHETES

Bilheteira Local (ed. Sede - Rua Barata Salgueiro, nº 39) | Horário: de segunda-feira a sábado, das 13h30 às 21h30

Bilheteira Local (Salão Foz - Praça dos Restauradores) | Horário: de segunda-feira a sábado, das 10h00 às 17h00

Bilheteira On-line www.cinemateca.bol.pt

Modos de pagamento disponíveis: Multibanco (*) - MB Way - Cartão de Crédito - Paypal (**)

(*) O pagamento através de Referência Multibanco tem um custo adicional de 0,50€ para montantes inferiores a 10,00 €

(**) O pagamento através de Paypal tem um custo adicional de 0,40€ para montantes inferiores a 30,00€

A aquisição de bilhetes em www.cinemateca.bol.pt e nos pontos de venda aderentes tem custos de operação associados no valor de 6%, acrescidos de IVA, sobre o valor total da compra.

Mais informações: <https://www.bol.pt/Ajuda/CondicoesGerais>

Pontos de venda aderentes (consultar lista em <https://www.bol.pt/Projecto/PontosVenda>)

02 QUINTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
SIMONE SIGNORET E YVES MONTAND:
CAMINHOS PARALELOS
DEDÉE D’ANVERS
Yves Allégret

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
ALLAN DWAN
MOTHER OF THE RANCH
THE MOST DANGEROUS MAN ALIVE
Allan Dwan

19H30 | SALA LUÍS DE PINA
IN SHADOW
CURTAS METRAGENS
Vários realizadores

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
O QUE QUERO VER
NOVYY VAVILON
“A Nova Babilónia”
Grigoriy Kozintsev

03 SEXTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
SIMONE SIGNORET E YVES MONTAND:
CAMINHOS PARALELOS
IMPASSE DES DEUX ANGES
Maurice Tourneur

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
ALLAN DWAN
CURTAS METRAGENS
Allan Dwan

19H30 | SALA LUÍS DE PINA
IN SHADOW
HOTEL MÜLLER
João Salaviza
LISSABON WUPPERTHAL LISBOA
Fernando Lopes

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
SALVAR A CINEMATECA BRASILEIRA! EPÍLOGO
MANGUEIRA EM DOIS TEMPOS
Ana Maria Magalhães

04 SÁBADO

10H30 | SALÃO FOZ | CINEMATECA JÚNIOR
1º ENCONTRO CINARTS - 1º Ciclo

15H00 | SALÃO FOZ
CINEMATECA JÚNIOR – SÁBADOS EM FAMÍLIA
CRIN-BLANC
LE BALLON ROUGE
Albert Lamorisse

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
SIMONE SIGNORET E YVES MONTAND:
CAMINHOS PARALELOS
TOUT VA BIEN
Jean-Luc Godard

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
ALLAN DWAN
THE SPIRIT OF THE FLAG
THE HALF BREED
Allan Dwan

19H30 | SALA LUÍS DE PINA
IN SHADOW
JORGE SALAVISA - KEEP GOING
Marco Martins

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
ALLAN DWAN
INSIDE STORY
Allan Dwan

06 SEGUNDA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
SIMONE SIGNORET E YVES MONTAND:
CAMINHOS PARALELOS
LA RONDE
Max Ophüls

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
ALLAN DWAN
THE GOOD BAD MAN
Allan Dwan

19H30 | SALA LUÍS DE PINA
SIMONE SIGNORET E YVES MONTAND:
CAMINHOS PARALELOS
DEDÉE D’ANVERS
Yves Allégret

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
ALLAN DWAN
ANGEL IN EXILE
Allan Dwan

07 TERÇA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
SIMONE SIGNORET E YVES MONTAND:
CAMINHOS PARALELOS
CASQUE D’OR
Jacques Becker

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
ANTE-ESTREIA
SESSÃO ESAD
CURTAS METRAGENS
vários realizadores

19H30 | SALA LUÍS DE PINA
SIMONE SIGNORET E YVES MONTAND:
CAMINHOS PARALELOS
IMPASSE DES DEUX ANGES
Maurice Torneur

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
HOMENAGEM A PIERRE-MARIE GOULET
O ÚLTIMO PORTO – ALÉM DAS PONTES
Pierre-Marie Goulet

09 QUINTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
ALLAN DWAN
UP IN MABEL’S ROOM
Allan Dwan

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
ALLAN DWAN
EAST SIDE WEST SIDE
Allan Dwan

19H30 | SALA LUÍS DE PINA
SIMONE SIGNORET E YVES MONTAND:
CAMINHOS PARALELOS
TOUT VA BIEN
Jean-Luc Godard

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
ALLAN DWAN
SANDS OF IWO JIMA
Allan Dwan

10 SEXTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
SIMONE SIGNORET E YVES MONTAND:
CAMINHOS PARALELOS
THÉRÈSE RAQUIN
Marcel Carné

16H30 | SALÃO FOZ | CINEMATECA JÚNIOR
2º ENCONTRO CINARTS | 2, 3º Ciclo e Secundário

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
ALLAN DWAN
TIDE OF THE EMPIRE
Allan Dwan

19H30 | SALA LUÍS DE PINA
ALLAN DWAN
SURRENDER
Allan Dwan

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
ALLAN DWAN
DRIFTWOOD
Allan Dwan

11 SÁBADO

15H00 | SALÃO FOZ
CINEMATECA JÚNIOR – SÁBADOS EM FAMÍLIA
ANNIE
John Huston

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
SIMONE SIGNORET E YVES MONTAND:
CAMINHOS PARALELOS
ROOM AT THE TOP
Jack Clayton

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
ALLAN DWAN
A MODERN MUSKETEER
Allan Dwan

19H30 | SALA LUÍS DE PINA
SIMONE SIGNORET E YVES MONTAND:
CAMINHOS PARALELOS
LE CERCLE ROUGE
Jean-Pierre Melville

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
ALLAN DWAN
BELLE LA GRAND
Allan Dwan

13 SEGUNDA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
SIMONE SIGNORET E YVES MONTAND:
CAMINHOS PARALELOS
GAMES
Curtis Harrington

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
ALLAN DWAN
UP IN MABEL’S ROOM
Allan Dwan

19H30 | SALA LUÍS DE PINA
SIMONE SIGNORET E YVES MONTAND:
CAMINHOS PARALELOS
LA RONDE
Max Ophüls

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
ALLAN DWAN
WILD BLUE YONDER
Allan Dwan

14 TERÇA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
ALLAN DWAN
MONTANA BELLE
Allan Dwan

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
ALLAN DWAN
MANHANDLED
Allan Dwan

19H30 | SALA LUÍS DE PINA
SIMONE SIGNORET E YVES MONTAND:
CAMINHOS PARALELOS
THÉRÈSE RAQUIN
Marcel Carné

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
SIMONE SIGNORET E YVES MONTAND:
CAMINHOS PARALELOS
CASQUE D’OR
Jacques Becker

15 QUARTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
O QUE QUERO VER
L’AMOUR À VINGT ANS
Vários realizadores

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
ALLAN DWAN
THE GORILLA
Allan Dwan

19H30 | SALA LUÍS DE PINA
SIMONE SIGNORET E YVES MONTAND:
CAMINHOS PARALELOS
LA GUERRE EST FINIE
Alain Resnais

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
ANTE-ESTREIA
SESSÃO ETIC
CURTAS METRAGENS
vários realizadores

16 QUINTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
ALLAN DWAN
DRIFTWOOD
Allan Dwan

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
ANTE-ESTREIA
SESSÃO AR.CO
CURTAS-METRAGENS
vários realizadores

19H30 | SALA LUÍS DE PINA
SIMONE SIGNORET E YVES MONTAND:
CAMINHOS PARALELOS
ROOM AT THE TOP
Jack Clayton

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
ALLAN DWAN
PADLOCKED
Allan Dwan

17 SEXTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
O QUE QUERO VER
LES GRANDES MANOEUVRES
René Clair

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
COM A LINHA DE SOMBRA
PERDIDO POR CEM
António Pedro Vasconcelos

19H30 | SALA LUÍS DE PINA
ALLAN DWAN
INSIDE STORY
Allan Dwan

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
SIMONE SIGNORET E YVES MONTAND:
CAMINHOS PARALELOS
COMPARTIMENTS TUEURS
Costa-Gavras

18 SÁBADO

11H00 | SALÃO FOZ
CINEMATECA JÚNIOR – SÁBADOS EM FAMÍLIA
OFICINA: LANTERNA MÁGICA

15H00 | SALÃO FOZ
CINEMATECA JÚNIOR – SÁBADOS EM FAMÍLIA
SEVEN CHANCES
Buster Keaton

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
O QUE QUERO VER
LE CHAT
Pierre Granier-Deferre

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
ALLAN DWAN
ANGEL IN EXILE
Allan Dwan

19H30 | SALA LUÍS DE PINA
SIMONE SIGNORET E YVES MONTAND:
CAMINHOS PARALELOS
GAMES
Curtis Harrington

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
O QUE QUERO VER
THE DEVILS
Ken Russel

20 SEGUNDA-FEIRA

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
COM A LINHA DE SOMBRA
AKASEN NO CHITAI
“A Rua da Vergonha”
Kenji Mizoguchi

19H30 | SALA LUÍS DE PINA
SIMONE SIGNORET E YVES MONTAND:
CAMINHOS PARALELOS
LE CHAT
Pierre Granier-Deferre

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
ALLAN DWAN
THE SANDS OF IWO JIMA
Allan Dwan

21 TERÇA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
SIMONE SIGNORET E YVES MONTAND:
CAMINHOS PARALELOS
LES GRANGES BRÛLÉES
Jean Chapot

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
SIMONE SIGNORET E YVES MONTAND:
CAMINHOS PARALELOS
LA SOLITUDE DU CHANTEUR DE FOND
Chris Marker

19H30 | SALA LUÍS DE PINA
O DIA MAIS CURTO / FILMAR
CURTAS METRAGENS
vários realizadores

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
ALLAN DWAN
SURRENDER
Allan Dwan

22 QUARTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
SIMONE SIGNORET E YVES MONTAND:
CAMINHOS PARALELOS
LET’S MAKE LOVE
George Cukor

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
O QUE QUERO VER
LES GRANDES MANOEUVRES
René Clair

19H30 | SALA LUÍS DE PINA
SIMONE SIGNORET E YVES MONTAND:
CAMINHOS PARALELOS
LES GRANGES BRÛLÉES
Jean Chapot

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
O QUE QUERO VER
JOHNNY GUITAR
Nicholas Ray

23 QUINTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
ALLAN DWAN
BELLE LA GRAND
Allan Dwan

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
O QUE QUERO VER
MONKEY BUSINESS
Howard Hawks

19H30 | SALA LUÍS DE PINA
SIMONE SIGNORET E YVES MONTAND:
CAMINHOS PARALELOS
LA SOLITUDE DU CHANTEUR DE FOND
Chris Marker

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
O QUE QUERO VER
L’AMOUR À VINGT ANS
Vários realizadores

27 SEGUNDA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
SIMONE SIGNORET E YVES MONTAND:
CAMINHOS PARALELOS
JEAN DE FLORETTE
Claude Berri

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
SIMONE SIGNORET E YVES MONTAND:
CAMINHOS PARALELOS
MANON DES SOURCES
Claude Berri

19H30 | SALA LUÍS DE PINA
ALLAN DWAN
WILD BLUE YONDER
Allan Dwan

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
O QUE QUERO VER
SLENDER THREAD
Sidney Pollack

28 TERÇA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
SIMONE SIGNORET E YVES MONTAND:
CAMINHOS PARALELOS
COMPARTIMENTS TUEURS
Costa-Gavras

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
SIMONE SIGNORET E YVES MONTAND:
CAMINHOS PARALELOS
MANÈGES
Yves Allégret

19H30 | SALA LUÍS DE PINA
SIMONE SIGNORET E YVES MONTAND:
CAMINHOS PARALELOS
LE CERCLE ROUGE
Jean-Pierre Melville

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
ALLAN DWAN
MONTANA BELLE
Allan Dwan

29 QUARTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
O QUE QUERO VER
SPLENDOR IN THE GRASS
Elia Kazan

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
O QUE QUERO VER
LONELY ARE THE BRAVE
David Miller

19H30 | SALA LUÍS DE PINA
SIMONE SIGNORET E YVES MONTAND:
CAMINHOS PARALELOS
LET’S MAKE LOVE
George Cukor

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
O QUE QUERO VER
A CLOCKWORK ORANGE
Stanley Kubrick

30 QUINTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
O QUE QUERO VER
LONELY ARE THE BRAVE
David Miller

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
O QUE QUERO VER
HOUSE OF STRANGERS
Joseph L. Mankiewicz

19H30 | SALA LUÍS DE PINA
SIMONE SIGNORET E YVES MONTAND:
CAMINHOS PARALELOS
MANÈGES
Yves Allégret

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO
O QUE QUERO VER
SPLENDOR IN THE GRASS
Elia Kazan



USO OBRIGATÓRIO DE MÁSCARA

PROGRAMA SUJEITO A ALTERAÇÕES Preço dos bilhetes: 3,20 Euros Estudantes/Cartão jovem, Reformados e Pensionistas > 65 anos – 2,15 euros Amigos da Cinemateca/Estudantes de Cinema – 1,35 euros Amigos da Cinemateca / marcação de bilhetes: tel. 213 596 262 Horário da bilheteira: Seg./Sábado, 13h30 às 21h30: tel. 213 596 262 Venda online em cinemateca.bol.pt Informação diária sobre a programação: tel. 213 596 266 Classificação Geral dos Espetáculos: IGAC Rua Barata Salgueiro, 39 – 1269-059 Lisboa www.cinemateca.pt	BIBLIOTECA Segunda-feira/Sexta-feira, 14:00 – 19:30 ESPAÇO 39 DEGRAUS Livraria LINHA DE SOMBRA Segunda-feira/Sábado, 13:00 – 22:00 (213 540 021) Restaurante-Bar, Segunda-feira/Sábado, 12:30 – 01:00 Transportes: Metro: Marquês de Pombal, Avenida Bus: 736, 744, 709, 711, 732, 745 Disponível estacionamento para bicicletas Rua Barata Salgueiro, 39 – 1269-059 Lisboa	CINEMATECA JÚNIOR SALÃO FOZ, RESTAURADORES Horário da bilheteira: Segunda-feira/Sábado, 11h00 – 17h00 Venda online em cinemateca.bol.pt Adultos – 3,20 euros; Júnior (até 16 anos) – 1,10 euros Tel. 213 462 157 / 213 476 129 – cinemateca.junior@cinemateca.pt Transportes: Metro: Restauradores Bus: 736, 709, 711, 732, 745, 759 Salão Foz, Praça dos Restauradores 1250-187 Lisboa
---	---	--